

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM  
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA

**ARTHUR RASEC CAVALCANTE DE LIRA**

**MOTIVAÇÕES COMPETIDORAS ENTRE A CONSTRUÇÃO RELATIVA  
NA VOZ PASSIVA E A CONSTRUÇÃO DE ADJETIVO DEVERBAL  
DE PARTICÍPIO PASSADO**

NATAL  
2018

**ARTHUR RASEC CAVALCANTE DE LIRA**

**MOTIVAÇÕES COMPETIDORAS ENTRE A CONSTRUÇÃO RELATIVA  
NA VOZ PASSIVA E A CONSTRUÇÃO DE ADJETIVO DEVERBAL  
DE PARTICÍPIO PASSADO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, na área de concentração Estudos em Linguística Teórica e Descritiva.

Orientador: Prof. Dr. José Romerito Silva

NATAL  
2018

**Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN**  
**Sistema de Bibliotecas - SISBI**  
**Catálogo de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA**

Lira, Arthur Rasec Cavalcante de.

Motivações competidoras entre a construção relativa passiva e a construção de adjetivo deverbais de participio passado / Arthur Rasec Cavalcante de Lira. - Natal, 2018.  
94f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Natal, 2018.

Orientador: Prof. Dr. José Romerito Silva.

1. Construção Relativa na Voz Passiva - Dissertação. 2. Construção de Adjetivo Deverbais no Participio Passado - Dissertação. 3. Motivações Competidoras - Dissertação. 4. Linguística Funcional Centrada no Uso - Dissertação. I. Silva, José Romerito. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 81'366.57

ARTHUR RASEC CAVALCANTE DE LIRA

MOTIVAÇÕES COMPETIDORAS ENTRE A CONSTRUÇÃO RELATIVA  
NA VOZ PASSIVA E A CONSTRUÇÃO DE ADJETIVO DEVERBAL  
DE PARTICÍPIO PASSADO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da UFRN, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem, na área de concentração em Linguística Teórica e Descritiva, sob orientação do Professor Doutor José Romerito Silva.

Natal, 31 de julho de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Romerito Silva (UFRN)  
Presidente

Prof. Dr. José da Luz da Costa (UFRN)  
Examinador Interno

Profa. Dra. Sheyla Patricia Trindade da Silva Costa (IFRN)  
Examinadora Externa

À minha amada esposa, Juliana.

## **AGRADECIMENTOS**

Tenho muito a agradecer a muita gente. Tentarei aqui reconhecer aqueles que estiveram mais presentes nesses dois anos de pesquisa, todavia, lembro de que outros também contribuíram para que eu finalmente pudesse concluir essa dissertação.

Preciso de antemão reconhecer o papel da minha esposa, Juliana, por insistir todos os dias para eu continuar a pesquisa e não desistir, mesmo quando me sentia cansado e desanimado. Agradeço por me amar e me lembrar do meu compromisso com o programa de pós-graduação, dizendo: “Ó o trabalho de Romerito!”

Em seguida, agradeço a meus pais (Cesar e Severina) e à vice-diretora da Escola Estadual 04 de Março (Aldeniza Gurgel), por acreditarem que eu poderia ir avanti e alcançar o título de Mestre, mesmo quando eles não compreendiam exatamente o que eu pesquisava. Inclusive, sua presença no momento da minha defesa foi essencial para que eu recebesse as críticas com coragem e finalizasse o trabalho.

Ademais, reconheço o grande responsável pela “gourmetização” do trabalho, adequando minhas simples palavras para um nível mais acadêmico: meu querido orientador, o Professor Doutor José Romerito Silva. Com certeza, não conseguiria chegar ao nível de análise dessa dissertação sem sua ajuda. Essa parceria foi um grande aprendizado, desde o início do curso, ao estudar a teoria da LFCU, até os últimos retoques.

Também não posso esquecer dos excelentes professores que compuseram minha banca avaliadora: o Professor Doutor José da Luz e a Professora Doutora Sheyla Costa. Suas contribuições detalhistas foram deveras valiosas, para que eu pudesse “podar as ervas daninhas do trabalho” e pudesse “cultivar os aromas e sabores da pesquisa”.

Por fim, não posso deixar de reconhecer a CAPES, por ter financiado a maior parte da minha pesquisa e me permitir ter coragem de abandonar minha carreira profissional anterior para alçar voo em um novo céu que se abriu ante meus olhos durante o mestrado, seja nos congressos dos quais participei, seja nos concursos em que fui aprovado.

“E assim vemos que os mandamentos de Deus devem ser cumpridos. E se os filhos dos homens guardam os mandamentos de Deus, ele alimenta-os e fortalece-os e dá-lhes meios pelos quais poderão cumprir as coisas que lhes ordenou; portanto, ele nos deu os meios de sobrevivermos enquanto permanecíamos no deserto” (1 Néfi 17:3 – O Livro de Mórmon: outro testamento de Jesus Cristo).

## RESUMO

Um fenômeno recorrente no português brasileiro – e praticamente não investigado – é a suposta variação entre a construção relativa na voz passiva, como em “[d]a menina *que foi queimada* pelos sequestradores”, e a construção de adjetivo deverbal de particípio passado, como em “um congresso de jovens *organizado* pela diretoria da jubaleste”, ambas na função de modificador nominal. Mesmo que tais construções sejam vistas como intercambiáveis, percebemos que elas apresentam propriedades formais distintas e desempenham funções semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas diferentes. Em razão disso, o foco central deste trabalho é a construção relativa na voz passiva (CRVP) e a construção de adjetivo deverbal de particípio passado (CAPP). Nosso objetivo é identificar motivações para os usos dessas construções, considerando fatores que favorecem ou restringem o recurso a uma e à outra. Para fundamentar nossa análise, valemo-nos do aporte teórico-metodológico da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), integrando contribuições da Gramática de Construções, com base em pesquisadores como Croft (2001), Goldberg (1995, 2003, 2006), Bybee ([2010] 2016), Traugott e Trousdale (2013), entre outros. Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa com suporte quantitativo. O material de análise é proveniente do *Corpus Discurso & Gramática – Seção Natal*, constituído de textos falados e escritos de informantes de diferentes níveis de escolaridade.

**Palavras-chave:** Construção relativa na voz passiva. Construção de adjetivo deverbal de particípio passado. Motivações competidoras. Linguística Funcional Centrada no Uso. Gramática de Construções.



## ABSTRACT

A recurrent phenomenon in Brazilian Portuguese language – and practically uninvestigated – is a supposed variation between the relative construction in the passive voice, as in “[d]a menina *que foi queimada* pelos sequestradores”, and the past participle adjective construction, as in “um congresso de jovens *organizado* pela diretoria da jubaleste”, both as a noun modifier. Even though such constructions are viewed as interchangeable, we find that they have distinct formal properties and perform different semantic-cognitive and discursive-pragmatic functions. Therefore, the central focus of this work is the relative construction in the passive voice (CRVP) and the past participle adjective construction (CAPP). Our objective is to identify motivations to the uses of these constructions, considering factors that favor or restrict the use of one and the other. To base our analysis, we use the theoretical and methodological support of the Usage-Based Functional Linguistic (LFCU), integrating contributions from Construction Grammar, based on researchers such as Croft (2001), Goldberg (1995, 2003, 2006), Bybee ([2010] 2016), Traugott e Trousdale (2013), among others. Methodologically, the research is characterized as qualitative with quantitative support. The analysis material comes from the *Corpus Discurso & Gramática – Seção Natal*, made up of spoken and written texts of informants with distinct educational levels.

**Key-words:** Relative construction in the passive voice. Past participle adjective construction. Competing motivations. Used-Based Functional Linguistics. Construction Grammar.

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

### QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Estrutura simbólica da construção	39
<b>Quadro 2</b> – Gradiência de relações hierárquicas entre construções	40
<b>Quadro 3</b> – Formação da CRVP	53
<b>Quadro 4</b> – Formação da CAPP	55
<b>Quadro 5</b> – Processo de neoanálise pressuposto na CAPP	56
<b>Quadro 6</b> – Rede da CRVP	59
<b>Quadro 7</b> – Rede da CAPP	60
<b>Quadro 8</b> – <i>Continuum</i> entre a CRVP e a CAPP	61

### TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Ocorrências da CRVP e da CAPP no <i>corpus D&amp;G/Natal</i>	61
<b>Tabela 2</b> – Ocorrências conforme o <i>type</i> de transitividade	64
<b>Tabela 3</b> – Modalidade das ocorrências (oral x escrita )	67
<b>Tabela 4</b> – Gêneros textuais onde se encontram as ocorrências	68
<b>Tabela 5</b> – Ocorrências conforme escolaridade dos informantes	69
<b>Tabela 6</b> – Grau de informatividade das construções	74

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

AC – Adjunto Circunstancial

Adj – Adjetivo

Ag – Agente

Aux – Auxiliar

C – Construção

CA – Complemento Agente

CAPP – Construção de Adjetivo Deverbal no Particípio Passado

CR – Construção Relativa

CRVP – Construção Relativa na Voz Passiva

CSA – Complemento do Sintagma Adjetival

D&G – Discurso & Gramática

GC – Gramática de Construções

Intr– Intransitivo

LFCU – Linguística Funcional Centrada no Uso

Mod – Modificador

N – Nome

Or – Oração

Pac – Paciente

Pass – Voz Passiva

PP – Particípio Passado

Pred – Predicativo

Pro – Pronome

Rel – Relativo

SA – Sintagma Adjetival

SN – Sintagma Nominal

SP – Sintagma Preposicional

SV – Sintagma Verbal

V – Verbo

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
1.1 Objeto de pesquisa e justificativa	14
1.2 Questões de pesquisa	16
1.3 Hipóteses	16
1.4 Objetivos	17
1.5 Referencial teórico	18
1.6 Metodologia	18
1.7 Estrutura do trabalho	21
<b>2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b>	<b>22</b>
2.1 Enfoque da gramática tradicional	22
2.1.1 Bechara (2009)	22
2.1.2 Rocha Lima (2011)	26
2.1.3 Cunha & Cintra (2013)	26
2.2 Abordagem na linguística	27
2.2.1 Shibatani (1985)	27
2.2.2 Furtado da Cunha (1989)	29
2.2.3 Perini (1996)	30
2.2.4 Camacho (2000)	32
2.2.5 Bispo (2009)	33
2.2.6 Bispo & Silva (2017)	34
<b>3 LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO</b>	<b>36</b>
3.1 Caracterização geral da LFCU	36
3.2 Conceitos operacionais	38
3.2.1 Construção	38
3.2.2 Objetividade, subjetividade e intersubjetividade	43
3.2.3 Inferenciação pragmática	43
3.2.4 Neoanálise	44

3.2.5	Motivações competidoras	45
3.2.5.1	<i>Economia</i>	45
3.2.5.2	<i>Iconicidade</i>	46
3.2.6	Informatividade e perspectivização	48
3.2.6.1	<i>Tópico e topicidade</i>	49
3.2.6.2	<i>Modificadores nominais</i>	50
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS</b>	<b>52</b>
<b>4.1</b>	<b>Aspectos formais e quantitativos da CRVP e da CAPP</b>	<b>52</b>
4.1.1	Formações da CRVP e da CAPP	52
4.1.2	Redes da CRVP e da CAPP	59
4.1.3	Relações de herança entre a CRVP e a CAPP	60
4.1.4	Dados quantitativos referentes à CRVP e à CAPP no <i>Corpus D&amp;G</i>	61
<b>4.2</b>	<b>Aspectos semântico-cognitivos da CRVP e da CAPP</b>	<b>70</b>
<b>4.3</b>	<b>Motivações discursivo-pragmáticas para a CRVP e a CAPP</b>	<b>73</b>
4.3.1	Informatividade	73
4.3.1.1	<i>Retrospecção</i>	75
4.3.1.2	<i>Prospecção</i>	75
4.3.2	Perspectivização	76
4.3.2.1	<i>Objetividade</i>	77
4.3.2.2	<i>Subjetividade</i>	77
4.3.2.3	<i>Intersubjetividade</i>	78
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>80</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>82</b>
	<b>ANEXOS</b>	<b>86</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este capítulo é destinado à apresentação de nosso objeto de estudo e de sua justificativa. Também, explicitamos as questões de pesquisa, as hipóteses levantadas e os objetivos. Em seguida, apresentamos o referencial teórico que baseia nossas análises, assim como a metodologia adotada. Na última parte, delineamos a estrutura geral do trabalho.

### 1.1 Objeto de pesquisa e justificativa

No português brasileiro contemporâneo, existem duas construções linguísticas mais gerais, distintas uma da outra na forma, mas semelhantes no significado. Elas se apresentam adjuntas a um substantivo, inclusas no sintagma nominal (SN). Essas construções assumem a função de modificadoras nominais, restringindo o conteúdo do referente nominal a que se vinculam, sendo aparentemente intercambiáveis entre si, em termos semânticos. Trata-se da oração subordinada adjetiva restritiva na voz passiva e do adjetivo deverbal de particípio passado, aqui denominados, respectivamente, *Construção Relativa na Voz Passiva (CRVP)* e *Construção de Adjetivo Deverbal de Particípio Passado (CAPP)*.

As amostras a seguir, retiradas do *Corpus Discurso & Gramática*, seção Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998) – doravante, *Corpus D&G/Natal* –, exemplificam cada um desses casos, respectivamente:

(1) [...] da *menina que foi queimada pelos sequestradores*... (p. 151)<sup>1</sup>

(2) [...] um congresso de jovens *organizado pela diretoria da jubaleste*... (p. 93).

Ambas as construções também podem ser instanciadas sem o sintagma preposicional (SP) que designa agentividade, conforme ilustram as amostras que seguem.

---

<sup>1</sup> Como todas as amostras examinadas neste trabalho são provenientes do *Corpus D&G/Natal (versão digital em pdf)*, nelas, serão indicadas apenas a página.

(3) [...] imagine os familiares dessas *pessoas que foram assassinada*... (p. 119).

(4) [...] os componentes do grupo tinham no tornozelo *uma fita amarrada*... (p. 148).

Entre os gramáticos tradicionais, buscamos as definições de oração subordinada adjetiva restritiva, oração relativa<sup>2</sup>, voz passiva e adjetivos deverbais. Encontramos parcialmente os termos nas gramáticas de Bechara (2009), Rocha Lima (2011) e Cunha e Cintra (2013). Em nenhuma delas, porém, há associação entre a oração relativa e a passiva, ou atenção específica ao adjetivo derivado de particípio passado, tampouco à relação deste com aquelas.

No âmbito da Linguística, Shibatani (1985), em abordagem de natureza tipológica, trata do protótipo da passiva. Furtado da Cunha (1989), com base no Funcionalismo norte-americano, examina as ocorrências reais de voz passiva, prototípicas ou não. Perini (1996), com uma visão descritivista, apresenta a oração relativa. Camacho (2000), sob orientação da Gramática Discursivo-Funcional, analisa a demissão do SP agentivo nas orações passivas. Bispo (2009), na perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), discute estratégias de relativização.

Conforme observamos, em nenhum desses trabalhos há a pretensão dos respectivos autores em comparar as duas construções que aqui apresentamos. Portanto, dada a lacuna a esse respeito, elegemos, como objeto de pesquisa, a CRVP e a CAPP, seguidas ou não por SP agentivo, na tentativa de verificar em que medida elas se assemelham/distinguem e podem ser ou não intercambiáveis.

Contudo, diferentemente do que constatamos nas abordagens mencionadas, Bispo e Silva (2017) é o único trabalho que discute diretamente – embora de modo sucinto – a relação entre a CRVP e a CAPP. Ancorados no modelo da LFCU, os autores defendem que as duas construções possuem motivações distintas para seu uso, como a iconicidade (na CRVP) e o princípio da economia (na CAPP), assim como a perspectivização (na codificação de um evento ou estado) e a inferenciação pragmática (com a simplificação da estrutura linguística empregada mediante a expectativa de inferência do interlocutor).

---

<sup>2</sup> Pesquisamos diferentes terminologias para as construções em análise neste trabalho, as quais variam conforme perspectiva teórica, mas que podem ser equivalentes.

Assim, considerando lacunas verificadas – tanto nas gramáticas tradicionais examinadas como em trabalhos de linguistas – quanto a um estudo que trate, de forma mais ampla, da relação entre a oração relativa na voz passiva e o adjetivo deverbal de particípio passado, adotamos aqui essa relação como nosso foco de interesse, na tentativa de expandir, em especial, o leque dos achados em Bispo e Silva (2017) a respeito desse tema.

## **1.2 Questões de pesquisa**

Na pesquisa empreendida, buscamos respostas para as questões que apresentamos a seguir.

1. Quais as configurações formais (morfossintáticas) da CRVP e da CAPP, respectivamente, nos contextos sintáticos em que se inserem?
2. Qual a frequência de ocorrência da CRVP e da CAPP e qual desses padrões é o mais recorrente?
3. Qual a estrutura argumental subjacente à CRVP e à CAPP?
4. Como se dá a relação de herança da CRVP e da CAPP?
5. Que motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas estão implicadas nos usos da CRVP e da CAPP, favorecendo ou inibindo o recurso a uma e à outra?

## **1.3 Hipóteses**

Como prováveis respostas às questões levantadas, apresentamos as hipóteses que seguem.

1. A CRVP é composta por pronome relativo mais construção passiva (verbo auxiliar "ser", verbo principal e agente da passiva, este não obrigatório). A CAPP é um adjetivo cuja terminação é de particípio passado e que pode vir acompanhado por SP agente.
2. Considerando fatores como economia e facilidade de processamento, podemos supor que o padrão mais frequente é a CAPP.
3. A CRVP parece servir como uma construção resultativa [X CAUSAR Y TORNAR-SE Z], mas em ordem não direta, em que um agente da passiva X causa um afetamento



em um sujeito paciente Y, que o leva a se tornar diferente (Z). A CAPP ora apresenta estrutura igual à da CRVP, denotando um evento ocorrido, ora uma propriedade interna ao SN antecedente, sem expressar transitividade.

4. É plausível pensar que as CRVP devem ser originadas da integração entre uma oração relativa e a estrutura da voz passiva, enquanto a CAPP parece herdar a parte verbal da CRVP, passando a ser um adjetivo simples associado a um termo nominal.
5. É possível supor que existem motivações distintas para o uso dos dois tipos de construção. Enquanto a CRVP provavelmente deve ser motivada por razões icônicas, visando a uma descrição de evento mais detalhada, a outra aparenta ter motivação na economia de processamento, sendo empregada para apontar atributo do antecedente ao qual se refere, de maneira mais estativa.

#### **1.4 Objetivos**

O objetivo geral da pesquisa é identificar motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas implicadas nos usos da construção relativa na voz passiva (CRVP) e da construção de adjetivo deverbal de particípio passado (CAPP), considerando fatores que favorecem ou inibem esses usos bem como aproximações e/ou distanciamentos entre ambas as construções.

Como objetivos específicos, elencamos os que se apresentam a seguir.

1. Descrever as configurações formais da CRVP e da CAPP nos contextos sintáticos em que se inserem.
2. Identificar a frequência de uso da CRVP e da CAPP a fim de verificar qual a mais recorrente.
3. Descrever a estrutura argumental subjacente à CRVP e à CAPP.
4. Explicar a relação de herança entre a CRVP e a CAPP.
5. Identificar as motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas implicadas nos usos da CRVP e da CAPP que podem favorecer ou inibir o recurso a uma e à outra.

## 1.5 Referencial teórico

Para realizar a análise das construções escolhidas, utilizamos o referencial teórico da LFCU. Recorremos aos estudos linguísticos do funcionalismo de vertente norte-americana em Haiman (1983), sobre economia linguística e motivações competidoras; Givón (2001), sobre iconicidade; Traugott e Dasher (2002), sobre inferenciação pragmática; e Bybee ([2010] 2016), sobre neoanálise. Além disso, valemo-nos de contribuições da Gramática de Construções, conforme apresentadas em Goldberg (1995, 2003, 2006), Croft (2001) e Traugott e Trousdale (2013).

Esses modelos de abordagem linguística (LFCU e GC) compartilham a ideia de que a língua é uma estrutura adaptativa complexa, suscetível a variação e mudança, constituindo-se em uma rede de unidades simbólicas (ou construções) hierarquizadas e interconectadas. Advogam, ainda, que a língua emerge, regulariza-se e se modifica em decorrência de pressões internas e, sobretudo, de fatores externos – cognitivos e intercomunicativos. Sendo assim, defendem que a língua deve ser investigada considerando tais condições.

## 1.6 Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de natureza básica, cujo caráter é eminentemente teórico e descritivo-explicativo. Desse modo, não tem a intenção de promover uma aplicação prática dos resultados obtidos, embora estes possam ser utilizados, futuramente, como subsídio para tratar das construções aqui estudadas no ensino de língua portuguesa.

Em relação aos procedimentos técnicos, nossa pesquisa é de base bibliográfica, pois partimos de registros escritos da língua em uso e nos valem de pesquisas linguísticas documentadas para o exame do fenômeno investigado (MARCONI; LAKATOS, 2003).

O método empregado é o hipotético-dedutivo, segundo o modelo de Popper (1975). Essa forma de abordagem consiste em partir de um problema, fornecer uma resposta provisória, testar hipóteses, analisar resultados e avaliá-los, tendo em vista

corroborar ou refutar as hipóteses levantadas. Em relação a isso, recorreremos, ainda, à técnica de comparação, na qual cotejamos usos da CRVP e da CAPP, com o fim de testar a validade (ou não) da hipótese quanto à (pre)suposta possibilidade de alternância funcional entre uma e outra construção.

Quanto aos objetivos, a pesquisa é de caráter analítico-interpretativista, uma vez que analisamos os dados disponíveis pela observação da frequência de uso nas variáveis monitoradas (gênero textual, modalidade e grau de escolaridade) e interpretamos as ocorrências de acordo com os contextos de uso das “variantes” (a CRVP e a CAPP).

O viés adotado é eminentemente sincrônico, posto que focamos nossa pesquisa no português contemporâneo, utilizando como material de análise dados de língua falada e escrita situados no período que corresponde aos últimos vinte anos.

A fonte de dados para análise é o *Corpus Discurso & Gramática*, seção Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998) – *Corpus D&G/Natal*. Esse *corpus* é composto por 200 (duzentos) textos produzidos por estudantes, na cidade de Natal/RN. A metade deles, 100 (cem) textos, é da modalidade oral, cuja produção se deu mediante entrevista semi-monitorada com 20 (vinte) pessoas, as quais foram divididas em 5 (cinco) grupos de 4 (quatro) componentes, da última série de cada nível de escolaridade: Ensino Superior (21-31 anos); Ensino Médio (16-19 anos); Oitava Série do Ensino Fundamental (14-17 anos); Quarta Série do Ensino Fundamental (9-13 anos); e Alfabetização (6-7 anos). A outra metade, 100 (cem) textos, é da modalidade escrita e corresponde a retextualizações dos textos falados pelos mesmos informantes.

Esse material se divide em 5 (cinco) gêneros textuais, a saber: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião. Cada entrevistado produziu todos os gêneros, tanto na fala quanto na escrita, num total de 10 (dez) textos por pessoa.

Ainda em relação ao material de análise, esclarecemos que, eventualmente, utilizamos dados provindos de outras fontes, em caráter *ad hoc*, apenas para fins de amostragem e não implicando, portanto, levantamento quantitativo. Isso se deve quando da abordagem de casos específicos, dos quais não se encontram dados no *Corpus D&G*.

Quanto às formas de abordagem, realizamos um estudo qualitativo com suporte quantitativo. Obtivemos os dados por meio de uma coleta das instanciações de CRVP e

CAPP no *corpus* e tabulamos as ocorrências em quatro grupos: 1) CRVP; 2) CRVP + SP<sub>Ag</sub>; 3) CAPP; e 4) CAPP + SP<sub>Ag</sub>. Calculamos a representação percentual de cada construção acima descrita em cada um dos gêneros textuais apresentados. Também calculamos a porcentagem de participação das construções nas modalidades oral e escrita. Em seguida, analisamos qualitativamente os efeitos de sentido de cada grupo de formas, por meio de suas descrições formais e funcionais, assim como as motivações e contextos que justifiquem os usos da CRVP e da CAPP. Por fim, desenvolvemos a rede construcional das duas construções, a fim de verificar a possível relação de herança entre elas.

Em relação à metodologia de análise da LFCU, observamos os aspectos semântico-pragmáticos e discursivo-funcionais. Aplicamos os conceitos de tópico, topicidade, modificadores nominais e as funções pragmáticas de manutenção e destituição de tópico, de acordo com Givón (2001). Também analisamos a informatividade (informações novas, velhas e inferíveis), assim como os movimentos de prospecção e retrospecção. Em seguida, observamos a perspectivização, se os modificadores apontavam um maior ou menor detalhamento do SN antecedente. E por último, verificamos se a CRVP e a CAPP mostram objetividade ou intersubjetividade.

Identificamos as ocorrências de CAPP e CRVP em contextos em que podem ser sintaticamente intercambiáveis. Os casos em que o substantivo referente aparece acompanhado de outro modificador além do adjetivo ou da construção relativa foram desprezados, em virtude de maior complexidade hierárquica, que os diferencia das construções que nos propusemos a analisar. Por exemplo, vejamos uma parte de uma descrição de local extraída do *corpus*:

(5) [...] é *uma casa meio isolada* da... do centro da... da cidade... (p. 98).

Num primeiro momento, poderíamos analisar a palavra destacada como um adjetivo deverbal de participio passado integrante do rol de ocorrências investigadas nesse estudo, pois o termo deriva do verbo *isolar* e está exercendo a forma nominal de modificador, relacionado ao referente *casa*. No entanto, desprezamos exemplos dessa natureza porque há outro modificador associado ao adjetivo, o graduador aproximativo

*meio*, que impede de realizarmos o teste de substituição com a construção relativa *que foi isolada*.

No exemplo dado, só há uma possibilidade de interpretação, a de uma edificação cuja localização é um pouco distante do centro da cidade. Não se pode pensar em um agente causador do isolamento da casa. Essa interpretação fica mais clara com a presença do restritivo.

Portanto, após restringir os casos a serem estudados, analisamos qualitativamente os construtos extraídos do *corpus* e sua relação com os modificadores nominais associados, se de manutenção ou destituição de tópico.

## **1.7 Estrutura do trabalho**

O trabalho está organizado nas seguintes seções: (1) introdução, no qual apresentamos um quadro panorâmico do conteúdo geral do trabalho; (2) revisão bibliográfica, na qual focalizamos trabalhos anteriores sobre o tema em questão; (3) referencial teórico, em que procedemos a uma explanação sobre a Linguística Funcional Centrada no Uso e sobre os conceitos operacionais utilizados na análise do objeto de estudo; (4) análise dos dados, em que buscamos descrever e explicar, formal e funcionalmente, as construções sob investigação.

## 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Durante a etapa da revisão bibliográfica, não encontramos autores que usem a nomenclatura que empregamos aqui como Construção Relativa na Voz Passiva (CRVP), mas abordagens que tratam de partes do presente objeto de estudo, como Orações Relativas e Voz Passiva, tanto em estudos da gramática tradicional, quanto em abordagens linguísticas. Já em relação aos adjetivos deverbiais, encontramos alguns trabalhos, os quais descrevemos nesta seção.

### 2.1 Enfoque da gramática tradicional<sup>3</sup>

Nesta subseção, apresentamos as definições de adjetivo, oração subordinada adjetiva restritiva e voz passiva, nas gramáticas de Bechara (2009), Rocha Lima (2011) e Cunha e Cintra (2013).

#### 2.1.1 Bechara (2009)

Na gramática de Bechara (2009), encontramos a definição de adjetivo como sendo "a classe de lexema que se caracteriza por constituir a *delimitação*, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma *parte* ou a um *aspecto* do denotado" (p. 121) [grifos do autor].

Isso quer dizer que o adjetivo atua sobre o substantivo como um modificador nominal, delimitando-o. E essa delimitação pode servir para explicar, especializar ou especificar um referente.

Conforme Bechara, "os explicadores destacam e acentuam uma característica inerente do nomeado ou denotado" (p. 122). Por exemplo, em *o vasto oceano*, o adjetivo enfatiza um aspecto natural do oceano (a vastidão). Nesse caso, não se altera a ideia tradicional do termo relatado.

Os especializadores "marcam os limites extensivos ou intensivos pelos quais se considera o determinado, sem isolá-lo nem opô-lo a outros determináveis capazes de caber na mesma denominação". Como exemplo, o autor aponta *o sol matutino*. O

---

<sup>3</sup> Consideramos aqui Gramática Tradicional os estudos clássicos descritivo-normativos, cujo modelo de abordagem linguística se encontra na Nomenclatura Gramatical Brasileira, de 1959.

adjetivo, nesse caso, faz o papel de realçar a parte do dia de que se fala do sol, contudo, sem causar oposição, uma vez que o sol que ilumina a tarde é o mesmo.

Por último, os especificadores. "Restringem as possibilidades de referência de um signo, ajuntando-lhe notas que não são inerentes a seu significado". Para exemplificar, são apontadas *as aves **aquáticas***. O adjetivo aqui difere dos outros dois usos, pois isola as aves que nadam daquelas que vivem no meio terrestre e aéreo. Também acrescenta uma informação que não está implícita no conceito de ave, a que nem toda ave vive na água.

São apenas esses últimos, os especificadores, que nós analisamos nessa dissertação. Inclusive, cabe ressaltar que o gramático aponta outros instrumentos verbais de determinação nominal, além dos adjetivos. São eles: locuções adjetivas (*jovens **pós transformação***), orações adjetivas (*jovens **que foram transformados***) e nomes em oposição (*jovens **sementes***).

Daí encontramos a interseção entre os pontos de nossa pesquisa: a possível equivalência entre adjetivo e oração adjetiva. Buscamos, então, um conceito mais preciso de oração relativa.

Bechara descreve as *orações adjetivas ou de relativo*. Ele diz: "Um adjunto adnominal representado por um adjetivo pode ser representado por uma oração que, pela equivalência semântica e sintática, se chama adjetiva" (p. 384). E cita dois exemplos que caracterizam um mesmo indivíduo:

- O aluno **que estuda** vence na vida. (uso da oração adjetiva)
- O aluno **estudioso** vence na vida. (uso do adjetivo equivalente)

O autor considera as duas formas como equivalentes, embora possamos notar uma divergência no âmbito semântico-pragmático. Vejamos: a primeira sentença afirma que quem vence na vida é o aluno que estuda. Mesmo que não goste e que despenda pouco tempo para a tarefa, ainda assim esse indivíduo pode vencer na vida. Já na segunda, pressupomos que o aluno que não for estudioso, ou seja, muito dedicado aos estudos, não vence na vida. Portanto, notamos que a equivalência não se concretiza nesse caso e em outros que analisamos.

Para o gramático, a oração adjetiva pode ser classificada como explicativa ou restritiva. A primeira "alude a uma particularidade que não modifica a referência do

antecedente e que, por ser mero apêndice, pode ser dispensada sem prejuízo total da mensagem" (p. 385). É marcada pela pausa na fala ou pelas vírgulas na escrita e se assemelha ao adjetivo explicativo.

A segunda é proferida sem pausa e é escrita sem pontuação que a separe do antecedente, restringindo seu significado. Para nós, o que interessa, no momento, é o uso das orações adjetivas restritivas, uma vez que desejamos compará-las com os adjetivos, que são restritivos.

É interessante dizer que o pronome relativo, no início de uma oração adjetiva, além de "marcar a subordinação, exerce uma função sintática da oração a que pertence", a qual "nada tem a ver com a função de seu antecedente" (p. 400). Como exemplo, lemos:

- "Há enganos **que** *nos deleitam*, como desenganos **que** *nos afligem*" [MM].

No período acima, os pronomes em negrito são os sujeitos das orações em itálico, embora seus respectivos antecedentes (enganos e desenganos) sejam objetos diretos em suas orações, que não possuem sujeito, pois iniciam com o verbo haver com sentido de existir.

Logo, quando tratamos de CRVP, o pronome "que" será o sujeito paciente da oração relativa na voz passiva, independente da função sintática de seu referente, que o antecede.

Para ilustrar, podemos citar (6), extraído do corpus D&G/Natal:

(6) [...] ah existe assim uma diferença muito grande entre jovens que... é... tem uma diferença entre jovens **que são realmente... transformados... que são... é... que foram transformados por Jesus...** que... e os não... e os que não foram ainda né... (p. 136).

Vemos, nesse excerto, o pronome (*que*) como sujeito paciente. Em seguida, vem a construção passiva (*foram transformados*). Por fim, o agente da passiva (*por Jesus*). O antecedente (*jovens*), que faz parte do complemento nominal "entre jovens", não interfere na função de sujeito do relativo.

Sobre a voz verbal, Bechara (2009, p. 176) explica que ela "determina a relação entre o acontecimento comunicado e seus participantes". E na passiva, "o primeiro participante lógico, o sujeito, é objeto do acontecer". É paciente da ação verbal e é codificado, em geral, no início da frase.



Sua formação se dá com um dos verbos *ser*, *estar* ou *ficar*, seguido de particípio, como exemplifica (p. 184):

- A carta *é escrita* por mim.
- O primo *foi visitado* por ti.
- A árvore *será plantada* por nós.

Sobre o particípio, se afirma que "pode valer por um adjetivo" (p. 186), como em *homem **sabido***. E ele possui, quando possível, desinências nominais idênticas às que caracterizam a flexão dos nomes (gênero e número), como *homens **sabidos*** e *mulheres **sabidas***. Inclusive, se derivam do tema (radical + vogal temática) e se inserem as desinências *-do*, *-to* ou *-so*, como em *cantado*, *aceito*, *aceso*.

Já sobre o Complemento Agente (CA), chamado pela NGB de *agente da passiva*, o gramático esclarece que se trata de "um tipo de termo argumental não obrigatório" (p. 358), cuja característica é a marcação da preposição *por* num sintagma preposicionado. Seguem seus exemplos:

- Os exercícios foram feitos *por José*.
- O réu é condenado *pelo júri*.

Outra consideração muito relevante é o traço semântico do CA, em geral, *animado*. Por exemplo, nas primeiras frases, *mim*, *ti* e *nós* têm capacidade de escrever, visitar e plantar. Mas esse ser animado pode ser substituído por um elemento não-humano, de traço *potente*, como em:

- O menino foi atropelado *pelo ônibus escolar*.
- Os alpinistas foram surpreendidos *pelo vendaval*.

Em casos raros, também se usa a preposição *de*, com verbos transitivos diretos na voz passiva, em sua maioria, relacionadas a sentimentos:

- O professor não foi esquecido *dos alunos*.
- Ela é estimada *de todos*.

Se o SP apresentar traço *não-humano*, provavelmente será um adjunto circunstancial - AC (adjunto adverbial de causa ou meio) e não um CA, como em:

- Ficaram aborrecidos *pelas falsas promessas*.

Aqui não são as promessas os agentes, mas a causa do aborrecimento. Por isso o SP destacado não é CA, mas AC.

### 2.1.2 Rocha Lima (2011)

Na gramática de Rocha Lima (2011), não há tratamento específico para os adjetivos formados por particípio. Sobre a oração relativa, esse autor explica que ela está sempre ligada a um referente codificado num sintagma nominal e é chamada de oração subordinada adjetiva. Essa oração é iniciada por um pronome relativo e tem valor de adjetivo, pois age como um modificador nominal, que pode ser restritivo ou explicativo. Essa classificação leva em conta a função semântica da oração: de delimitar a abrangência do referente ou de apenas dar-lhe atributos, sem que sua essência seja modificada.

### 2.1.3 Cunha e Cintra (2013)

Para Cunha e Cintra (2013),

[...] o adjetivo é essencialmente um modificador do substantivo. Serve: 1) para caracterizar os seres, os objetos ou as noções nomeadas pelo substantivo, indicando-lhes uma qualidade (ou defeito), o modo de ser, o aspecto ou aparência, o estado; 2) para estabelecer com o substantivo uma relação de tempo, espaço, de matéria, de finalidade, de propriedade, de procedência, etc. (adjetivo de relação) (p. 259).

Os autores, assim como Bechara, também consideram os adjetivos equivalentes às orações adjetivas, no papel de modificador nominal: "A caracterização do substantivo pode fazer-se ainda por meio de uma oração: a) seja desenvolvida (quando encabeçada por pronome relativo); b) seja reduzida" (p. 261).

Eles ainda explicam que o adjetivo é dependente do substantivo para existir e que suas funções sintáticas podem ser a de adjunto adnominal (quando se refere ao substantivo sem intermediário formando um conjunto significativo, posposto ou anteposto), ou de predicativo (quando a qualidade é transmitida por intermédio de um verbo explícito ou implícito).

Em relação ao adjetivo anteposto, Cunha & Cintra lhe atribuem um valor subjetivo, afetivo, diferente do que ocorre com a ordem direta (posposto ao nome), na qual o adjetivo mantém seu valor objetivo. Também é pertinente dizer que os gramáticos

declaram que os adjetivos de relação são colocados normalmente depois do substantivo, concordam em gênero e número com o referente e "não se flexionam em grau" (p. 275). Quanto a este trabalho, analisamos somente os adjetivos pospostos.

Aqui, interessam-nos apenas os adjetivos em função de adjunto adnominal, pospostos ao nome que modificam.

Por essa breve explanação, vemos que os gramáticos tradicionais, conforme o tratamento convencional, abordam o adjetivo e a oração adjetiva separadamente. Nesse sentido, não contemplam a oscilação funcional do particípio entre verbo e adjetivo, o que não causa surpresa, posto que não é próprio da descrição linguística nos moldes clássicos considerar o *continuum* e a ambiguidade categoriais.

## 2.2 Abordagem na linguística

Diversos estudos linguísticos já descreveram os fenômenos da voz passiva, das orações relativas e dos adjetivos, isoladamente. Nesta seção, elencamos como alguns linguistas os veem. Numa sequência cronológica, apresentamos brevemente as abordagens de Shibatani (1985), em perspectiva tipológica; Furtado da Cunha (1989), funcionalista de vertente norte-americana; Perini (1996) e Senna (1998), em abordagem gerativista; Camacho (2000), nos moldes da Gramática Discursivo-Funcional; Bispo (2009) e Bispo e Silva (2017), conforme o modelo da Linguística Funcional Centrada no Uso.

### 2.2.1 Shibatani (1985)

Sob um viés tipológico, Shibatani (1985) trata do protótipo de passiva, considerando: a) sua função pragmática primária de desfocalização do agente; b) as propriedades semânticas de valência e afetamento do sujeito; e c) as propriedades sintáticas de codificação do agente, que na voz passiva é codificado como oblíquo ou zero, diminuindo a valência sintática do verbo.

Para exemplificar, ele usa exemplos de várias línguas não aparentadas, como o warrungu - língua aborígine australiana – (p. 840 [tradução nossa]):

\_ *yuri-Ø watyn-li-n*

\_ canguru-ABSOLUTIVO cozinhar-REFLEXIVO-PASSADO/PRESENTE

\_ Tradução: O canguru se cozinhou. / O canguru foi/é cozido.

No caso da frase em warrungu, percebe-se que o agente que cozinhou o canguru foi desfocalizado. Assim, por meio do uso da voz reflexiva com valor de passiva, valorizou-se o animal que foi cozido em detrimento daquele que o preparou. Apesar de o sistema daquela língua ser diferente do da portuguesa – eles usam o ERGATIVO-ABSOLUTIVO, enquanto usamos o NOMINATIVO-ACUSATIVO –, percebemos uma tendência de usar a passiva para tirar a ênfase no agente.

Também percebemos o uso de uma construção transitiva, com o verbo cozinhar, na qual o sujeito *yuri* é afetado pelo cozimento. Inclusive, no caso, o cozinheiro não é citado, o que mostra sua baixa relevância discursiva e a diminuição da valência sintática da oração de dois participantes para só um (o canguru).

De forma semelhante, Shibatani apresentou outra ocorrência, esta em coreano (p.841 [tradução nossa]):

\_ *Totwuk-i kyengchal-hantchey cap-hi-ess-ta.*

\_ Ladrão-NOMINATIVO polícia-por captur-PASSIVA-PASSADO-INDICATIVO

Tradução: O ladrão foi capturado pela polícia.

A frase apresentada usa o mesmo sistema da língua portuguesa (NOMINATIVO-ACUSATIVO), no entanto a ordenação sintática é um pouco diferente: o agente aparece após o sujeito paciente, semelhante com o que fazemos na topicalização (O ladrão, a polícia capturou).

Nesse caso, é relevante mostrar que a captura foi realizada pela polícia, a fim de dar-lhe crédito. Por isso, não se optou por usar um pronome oblíquo ou zero para representá-la. Contudo, o tópico frasal é o ladrão, possivelmente por ser alguém que já se buscava prender e que foi afetado (preso).

### 2.2.2 Furtado da Cunha (1989)

Em sua tese de doutorado, Furtado da Cunha (1989) analisa a passiva em contextos reais de uso, além do nível oracional, visando descrever suas motivações pragmáticas e discursivas.

Diferente de Shibatani, essa autora defende que "a função da passiva é promover o paciente a tópico, contrariando a tendência estatística de o agente ocupar essa posição" (p. 28). Essas perspectivas de análise são complementares, pois, uma vez que o paciente da voz passiva toma o lugar de tópico do agente, este é desfocalizado; quando informado, é expresso no final da oração por meio de um SP.

Nessa pesquisa, as orações passivas se revelaram menos frequentes do que as ativas. Das 744 orações passivas analisadas por Furtado da Cunha, 610 (82%) não apresentam o agente expresso. Das 134 que possuem SP (18%), nem todas denotam agentividade, pois, em 31 casos (33%), o SP foi usado para mostrar o instrumento da ação verbal (ex.: "pela eleição republicana") ou a força natural (ex.: "pela terrível epidemia").

A pesquisadora analisa as ocorrências por dois pontos de vista: do sujeito gramatical, que ocupa a posição de tópico; e do agente da passiva. Em relação ao primeiro, a autora afirma que "a passiva é uma construção topicalizadora, pois o SN não-agente é colocado na posição de sujeito e tópico da oração" (p. 37). Isso acontece porque o paciente é mais relevante contextualmente do que o agente. Em relação ao segundo ponto de vista, vemos que a explicitação do agente da passiva se dá por motivação discursiva, isto é, relevância comunicativa e clareza quanto aos causadores das ações apresentadas pelos verbos.

Outra consideração com a qual também estamos de acordo é que a ocorrência de uma oração passiva em um texto se dá quando o paciente está mais intimamente vinculado ao tópico discursivo ou a um participante na oração imediatamente anterior (THOMPSON, 1982 *apud* FURTADO DA CUNHA, 1989). Daí a preferência por topicalizar esse participante, tornando-o o ponto de partida da informação, em detrimento do agente. Por isso que dizemos que a inversão da ordem ativa acontece por razões discursivas.

A autora esclarece que "a passiva favorece a mudança de tópico enquanto a ativa favorece a continuidade do tópico" (p. 57). Buscamos confirmar essa asserção durante a

análise, na qual a CRVP aponta para a mudança de tópico, ao passo que a CAPP, por estar caracterizando um SN, sem fazer alusão a um evento, dá continuidade ao referente, atribuindo-lhe qualidade.

Em outra obra da mesma pesquisadora (1996, p. 65), ainda sobre a passiva, ela afirma que, "de um modo geral, a passiva não é usada para desenvolver ou avançar a linha central dos acontecimentos, mas sim para prover material que o falante/escritor julga relevante para o entendimento do que comunica".

### 2.2.3 Perini (1996)

Numa perspectiva formalista, Perini (1996) define os relativos como "elementos introdutórios de uma construção especial, a construção relativa" (p. 140), também chamada tradicionalmente de "oração adjetiva". Em nosso *corpus*, só encontramos ocorrências do relativo "que" no início das relativas, as quais formam orações subordinadas a um SN principal.

Ainda conforme o autor, a relativa se caracteriza pela: a) presença de um relativo, precedido às vezes por preposição; b) presença de uma estrutura oracional aparentemente incompleta; e c) articulação de um elemento nominal (parte de um SN + relativo + estrutura nominal, em que o elemento nominal nem sempre está presente).

Tal caracterização é adequada ao nosso objetivo, mas aqui só consideraremos as orações relativas que possuam um antecedente nominal explícito, uma vez que as relativas livres (sem antecedente) não estão sob o escopo desta pesquisa.

Perini também aponta que "as orações subordinadas introduzidas por relativos têm sempre a função de modificador externo e pertencem à classe dos sintagmas adjetivos" (p. 151). Por causa dessa função adjetiva, alguns autores consideram válida a redução da oração relativa para um particípio.

A esse respeito, Grijelmo (2010, p. 197), em sua gramática da língua espanhola, afirma:

Uma das construções possíveis nas orações relativas permite usar um verbo composto depois do relativo, de modo que – caso se deseje

economizar palavras ou reduzir um texto – pode-se suprimir o verbo auxiliar para deixar só o particípio [tradução nossa]<sup>4</sup>

Ainda sobre a abordagem formalista de Perini, é relevante citar sua nomenclatura para os tipos de relativas, baseada na sintaxe autônoma. Ele usa os termos “relativas apositivas” (p. 155), para se referir às explicativas, com função de aposto, as quais aparecem entre vírgulas e podem ocorrer com *o qual* sem preposição; e “relativas não-apositivas”, para se referir às restritivas, cuja função é de adjunto adnominal e são codificadas sem vírgula entre a oração e o SN referente.

Neste trabalho, usamos somente as relativas não-apositivas, uma vez que as comparamos com os adjetivos de particípio passado, que também são modificadores nominais.

Outro tópico que chama a atenção em sua descrição é a análise do sintagma adjetival (SA) e das orações “reduzidas”. O SA é definido como “um constituinte que pode ser modificador, complemento do predicado ou predicativo” (p. 113).

Perini já apontava a relação do complemento do sintagma adjetival (CSA) com o agente da passiva que vemos nas CAPP com SP agentivo: “Compramos um biombo pintado **por Guignard**” (p. 116). Em casos assim, a sequência SA + SP aproxima-se, principalmente em termos semânticos, da oração relativa passiva: “Este biombo foi pintado **por Guignard**” [grifos do autor].

Já sobre as orações “reduzidas”, Perini (p. 128) defende que

[...] o particípio *nunca* forma uma oração separada; na verdade, quando ocorre fora de um predicado complexo, o particípio tem as características de um adjetivo. Nesse caso, o particípio não apenas concorda em gênero e número (o que não acontece quando faz parte do predicado complexo), mas seus complementos têm a forma de adjetivo, e não de complemento de verbo [grifo do autor].

Concordamos em parte com essa visão sobre o particípio, pois vemos a oração relativa e o adjetivo no particípio de forma escalar, não discreta. Embora o SA não forme uma oração, a presença do SP como um CSA faz com que se note sua herança oracional

---

<sup>4</sup> “Una de las construcciones posibles en las oraciones relativas permite usar un verbo compuesto tras el relativo, de modo que – si se desea economizar palabras o reducir un texto – se puede suprimir el verbo auxiliar para dejar sólo el participio”.

da voz passiva, descrita por Perini (p. 218) como sendo: “Sujeito SN<sub>1</sub> + uma forma do verbo ser + o particípio de um verbo, marcado [+Pass] + adjunto circunstancial formado da preposição *por* + SN<sub>2</sub>”.

Em Perini (2015), vemos a distinção clara entre o particípio verbal (tradicional flexão invariável de um verbo no particípio, cuja terminação é *-do*) e o particípio nominal (derivação de um verbo na função de nome, em geral adjetivo e substantivo, cujas terminações variam em gênero e número, aceitam sufixos superlativos e intensificadores antepostos, não existem para todos os verbos e podem ser irregulares). A seguir, os exemplos fornecidos pelo autor.

- Particípio verbal tradicional: "O menino tinha matado o gato" / "Os meninos tinham matado o gato" (p. 45).
- Particípio nominal: "Dois carros amassados" / "Uma porta amassada" (p. 46).

O autor defende que, na construção passiva, ocorre o particípio nominal. Ele também aponta que "orações passivas não fazem parte da valência do verbo supostamente associado com o particípio" (p. 51), pois os verbos auxiliares na passiva não carregam consigo conteúdo semântico, e sim os particípios, que determinam a valência verbal.

#### 2.2.4 Camacho (2000)

Já em uma visão discursivo-funcional, Camacho (2000) considera a demissão do SP agentivo como facultativa, mas preferida dos falantes, segundo estudos estatísticos. Ele ainda ressalta as ocorrências de SP que "manifestam entidades genéricas, ou, se individuadas, desconhecidas do emissor, e se conhecidas, propositadamente não enunciadas por ele" (p. 223), como vemos nos exemplos por ele mostrados:

- \_ A ciranda é cantada durante o verão em Olinda.
- \_ Se a gente lembrar que aquele prédio foi feito para conter (D2-RJ355).

Na primeira frase, as pessoas que cantam ciranda são entidades genéricas, isto é, são várias pessoas, as quais não são importantes para o entendimento do enunciado. É o que também ocorre na segunda, em quem fez o prédio não é importante discursivamente. E, por isso, os agentes foram suprimidos nos dois casos.



### 2.2.5 Bispo (2009)

Em sua tese de doutorado, Bispo (2009) se debruçou sobre as estratégias de relativização, numa abordagem cognitivo-funcional. Ele analisou as orações relativas cortadoras<sup>5</sup> quanto ao papel sintático dos pronomes relativos empregados, tipo de verbo ou nome regente, preposição suprimida, classificação prototípica, nível de integração sintático-semântica dos relativos com a cláusula principal, modalidade em que aparecem (oral ou escrita) e nível de escolaridade dos informantes.

Baseado em estudos tipológicos anteriores, o pesquisador identificou nomenclaturas para classificar as orações relativas, as quais se dividiam em dois grandes grupos: as *com antecedente (headed relatives)* e as *sem antecedente (headless relatives)*.

A relativa com antecedente é a forma padrão. A oração subordinada é encaixada na principal como adjunto adnominal do SN anterior, como em:

Todos os estudantes **que Mary ajudou** passaram no teste (NICHOLS, 1984 *apud* BISPO, 2009, p. 58) [tradução do autor].

A parte destacada apresenta uma delimitação dos alunos aprovados no teste, somente os que Mary ajudou. E o pronome relativo *que* retoma o antecedente *estudantes*, como objeto direto da oração encaixada.

Já o segundo tipo, a relativa sem antecedente, não faz retomada de SN, como se nota no exemplo abaixo:

**Quem primeiro vier a(o) meu funeral**, meu herdeiro lhe dará dez mil (KEENAN, 1985 *apud* BISPO, 2009, p. 58) [tradução do autor].

O referente da oração destacada não é específico como na oração prototípica. É genérico, pois se aplica a qualquer pessoa que souber do anúncio e chegar primeiro ao funeral do anunciante. O pronome oblíquo *lhe* confirma essa afirmação, uma vez que se dirige ao leitor, como um dativo, aquele que receberá os dez mil do herdeiro.

---

<sup>5</sup> Tipo de oração adjetiva em que a preposição antecedente ao pronome relativo é suprimida. Ex.: "A inveja é um mal **que não há remédio**". Essa oração se opõe à forma padrão "A inveja é um mal **contra o qual não há remédio**".

O autor conclui que oração relativa é um recurso utilizado em diversas línguas "para codificar linguisticamente uma necessidade de delimitar, especificar ou comentar o conteúdo de um elemento nominal" (p. 53). E por isso possui formas e funções distintas.

Sua ênfase foi nas orações não-padrão (cortadoras e copiadoras), as quais somaram 15,3% das ocorrências analisadas, o que mostra que a classificação padrão não abarca todas as possibilidades da língua portuguesa.

Com dois *corpora* (*D&G Rio de Janeiro* e *D&G Natal*), conseguiu localizar 136 instancias das cortadoras (13,5%) no primeiro *corpus* e 210 no segundo (13%). Pode não parecer muito ao observarmos o todo, mas percebemos que a repetição de uma forma por pessoas diferentes em lugares distintos pode ser um sinal de convencionalização e incorporação da construção à gramática da língua.

#### 2.2.6 Bispo e Silva (2017)

Em artigo recente, Bispo e Silva (2017) conjecturam a existência de motivações competidoras entre a oração adjetiva na voz passiva e o adjetivo deverbal de particípio passado. Trata-se do primeiro trabalho a contemplar a oração relativa no quadro da construção passiva.

Eles apontam uma semelhança entre as duas construções: a focalização do paciente do evento transitivo e a consequente demissão do agente/causador. No entanto, outras motivações as distinguem, em razão de outras propriedades. Uma delas é a simetria forma-função. Enquanto a Oração Relativa Passiva (ORP) aparenta ter necessidade de marcar a retomada do antecedente (pelo pronome relativo *que*), assim como a noção de passividade (pela forma passiva *SER + VPP*), o Adjetivo Deverbal de Particípio Passado (APP) sofre pressão por simplificação (ou economia) do processamento verbal, diminuindo a forma, apagando ou fundindo elementos considerados redundantes e/ou de baixo valor para a atribuição de sentido, conforme modelo de Haiman (1983). Neste último caso, espera-se que o ouvinte/leitor recupere a semântica da cena transitiva implicada, conforme Traugott e Dasher (2002).

Por fim, encerramos essa seção reconhecendo que as pesquisas de Shibatani (1985) e Furtado da Cunha (1989) contribuíram parcialmente para nossa pesquisa, em relação à análise da estrutura da passiva. Camacho (2000), por sua vez, acrescentou

informações específicas do SP associado à construção passiva. Perini (1996) e Bispo (2009) contribuíram com a descrição da oração relativa. No entanto, tais abordagens tratavam apenas de partes de nosso objeto de estudo, a CRVP e a CAPP. Somente Bispo e Silva (2017) apontam um caminho que aqui buscamos aprofundar e analisar, a partir dos dados contidos no *corpus*.

### 3 LINGÜÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

Esta seção destina-se à apresentação de nossa linha de pesquisa, mais especificamente no que se refere a seus principais pressupostos teóricos e a alguns de seus conceitos operacionais. No primeiro tópico, caracterizamos a LFCU de forma geral; no segundo, explicamos os conceitos operacionais essenciais à análise de nosso objeto de estudo, a saber: construção, inferenciação pragmática, neoanálise, motivações competidoras, informatividade e perspectivização.

#### 3.1 Caracterização geral da LFCU

A LFCU é um modelo teórico-metodológico que utiliza os pressupostos da Linguística Funcional norte-americana (conforme postulados de pesquisadores como, por exemplo, Talmy Givón, John Haiman, Paul Hopper, Elizabeth Traugott e Joan Bybee) articulados a contribuições da Linguística Cognitiva (representada por George Lakoff, Ronald Langacker, John Taylor, entre outros), especialmente da Gramática de Construções, nos moldes de Adele Goldberg e de William Croft.

Esse paradigma teórico-metodológico compreende a língua como um "sistema adaptativo complexo" (BYBEE, [2010] 2016, p. 2), no qual convivem juntas a regularidade e a variação, de acordo com as necessidades comunicativas. Essa definição nos permite afirmar que o sistema linguístico não é estático, fixo, mas passível de inovações e mudanças, à medida que seus usuários o empregam em contextos diversos de interação comunicativa (HOPPER, 1987).

Nessa perspectiva, a LFCU busca "observar a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística" (MARTELOTTA; KENNEDY, 2015, p. 17). Isso quer dizer que esse modelo examina os fenômenos linguísticos considerando tanto relações internas entre os constituintes estruturais (fonológicos e morfossintáticos) como também motivações/fatores externos (semânticos, cognitivos e/ou discursivo-pragmáticos) implicados nessas relações, por entender que forma e função se interdependem, nos diversos contextos de uso.

Consideramos que o uso recorrente de determinada forma linguística promove o estabelecimento de sua convencionalização, isto é, os falantes de determinada comunidade aceitam dada forma e a empregam de modo geral para atender a uma função semântico-discursiva específica (BYBEE, 2007). Portanto, podemos afirmar que a língua – e a gramática – é fruto de um conjunto de formas que se relacionam com variados graus de frequência no discurso efetivo de usuários da língua, resultando em padrões menos ou mais regulares e esquemáticos de integração forma-função.

Logo, não podemos fazer uma separação entre discurso (uso da língua) e gramática (estrutura da língua), pois o primeiro contribui para a constante mudança e adaptação da segunda. Todavia, é importante frisar que nenhuma adaptação aqui mencionada é aleatória, mas motivada por princípios cognitivos e funcionais. Se assim fosse, as pessoas não poderiam comunicar-se satisfatoriamente, em virtude de uma série de inovações cujo conhecimento lhes faltaria continuamente.

Em relação à análise linguística, a LFCU leva em consideração

[...] aspectos relacionados a restrições cognitivas que incluem a captação de dados da experiência, sua compreensão e seu armazenamento na memória, assim como aspectos associados à capacidade de organização, acesso, conexão, utilização e transmissão adequada desses dados (MARTELOTTA, 2011, p. 56).

Tais dados são de natureza cognitiva e se manifestam na interação verbal. Devido a esse viés voltado aos processos mentais, buscamos contribuições da Gramática de Construções (GC), subárea da linguística cognitiva que surgiu a partir do estudo de Charles Fillmore (1988) sobre idiomatismos. Hoje, considerada uma corrente teórico-metodológica, a GC apresenta uma visão de língua interligada, cuja unidade fundamental é a construção.

Utilizamos suas contribuições para explicar fenômenos linguísticos que possuem motivações cognitivas associadas aos níveis gramaticais, como aspectos sintáticos e semântico-cognitivos (neoanálise, *chunking*) bem como discursivo-pragmáticos (informatividade, perspectivização, inferência pragmática).

### 3.2 Conceitos operacionais

A LFCU emprega ferramentas de análise tanto de caráter formal (*i.e.*, internas à própria estrutura linguística) como funcional (externas à língua) para explicar os fenômenos linguísticos. Metodologicamente, a análise qualitativa recebe maior destaque, pois é por ela que os dados são descritos e interpretados segundo critérios semântico-cognitivos e discursivo-pragmáticos. De modo complementar, utilizamos o método quantitativo para mensurar os dados coletados nos *corpora* investigados. A vantagem em mesclar ambos os métodos na análise se mostra no fato de a explicação/interpretação dos dados poder ser corroborada pela quantificação (RODRIGUES; MELO; MONTEIRO, 2013).

A partir da análise qualitativa, deduzem-se as diversas motivações funcionais para a ocorrência dos fenômenos linguísticos e seus efeitos de sentido em seus devidos contextos (FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2013). A LFCU ancora-se em alguns parâmetros e categorias de análise, dos quais utilizaremos nesta pesquisa: construção, inferenciação pragmática, neoanálise, motivações competidoras, informatividade e perspectivização. Descreveremos adiante cada um.

#### 3.2.1 Construção

Adotamos o seguinte conceito de construção, segundo formulado por Goldberg (2006, p. 5):

[...] pareamentos aprendidos de forma com função semântica ou discursiva, incluindo morfemas ou palavras, expressões idiomáticas, padrões sintagmáticos parcial ou completamente preenchidos [tradução nossa].<sup>6</sup>

Considerando a abrangência do conceito de *construção*, podemos afirmar que a análise linguística pela GC permite uma ampla descrição de pareamentos de forma e função existentes em uma dada língua, incluindo os que são mais simples, os mais

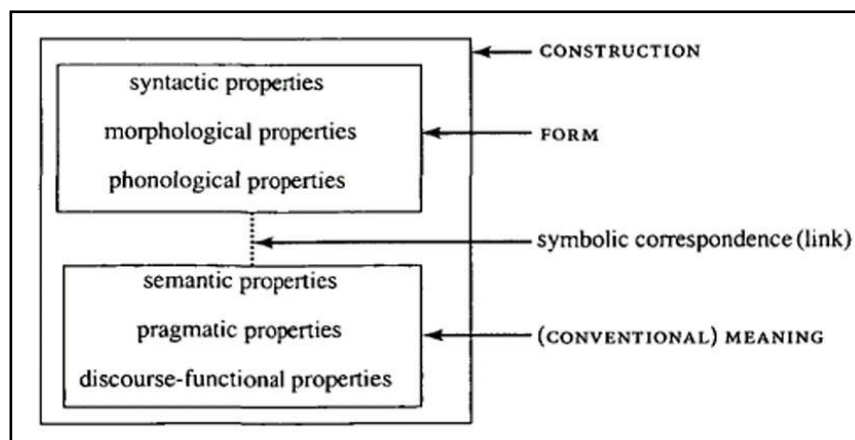
---

<sup>6</sup> "LEARNED PAIRINGS OF FORM WITH SEMANTIC OR DISCOURSE FUNCTION, including morphemes or words, idioms, partially lexically filled and fully general phrasal patterns" [grifos da autora].

complexos, os mais incomuns, os mais frequentes, os mais especificados e os mais esquemáticos.

O esquema a seguir, proposto por Croft (2001), demonstra a correspondência simbólica entre as partes da construção para a formação de um sentido completo, isto é, a união entre o polo da forma (propriedades sintáticas, morfológicas e fonéticas) e o polo do significado (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais).

**Quadro 1**– Estrutura simbólica da construção



**Fonte:** Croft (2001, p. 18).

Segundo Goldberg (2006, p. 12-13), "padrões são estocados [cognitivamente] se eles são suficientemente frequentes, mesmo quando são instâncias plenamente regulares de outras construções e, assim, previsíveis [...]" [tradução nossa]<sup>7</sup>

Por exemplo: adjetivos deverbais de particípio passado são terminados majoritariamente em *-do*, tal como em *detalhado*, *escolhido*, *dividido*. E quando uma criança está em fase de aquisição da linguagem, pode se confundir e usar o padrão regular de particípio para falar de um termo irregular, como em “roupa enxugada”, em lugar de “enxuta”, “fogo acendido”, em lugar de “fogo aceso”, e “foto imprimida”, em vez de “impressa”.

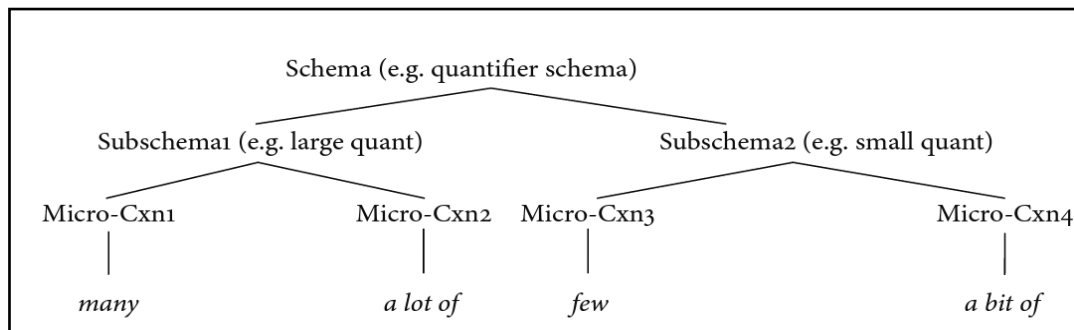
<sup>7</sup> "Patterns are stored if they are sufficiently frequent, even when they are fully regular instances of other constructions and thus predictable [...]"

Da mesma forma, ao criar um novo item lexical, o falante/escrevente se apropria do que é mais recorrente na língua e aplica o mesmo padrão (BYBEE, [2010] 2016). Isso justifica a criação do adjetivo "bugado" (empréstimo do inglês, "bug" + vogal temática *a* + padrão de particípio, *-do*), geralmente usado para se referir a um equipamento eletrônico corrompido, danificado.

Alinhados com a GC, consideramos quaisquer estruturas gramaticais como construções, pois são unidades simbólicas que estabelecem um pareamento entre forma e função. Juntas, elas formam uma rede taxonômica que representam o conhecimento do falante sobre as convenções de sua língua. Nessa rede, cada construção constitui um nó, que se liga a outros nós por hierarquia taxonômica, conforme descrição de (CROFT, 2001; LANGACKER, 2008).

Quanto mais genéricos, mais se aproximam do alto da rede. À medida que são mais específicos, descem na hierarquia, que é dividida em quatro níveis, quais sejam: *esquema geral*, *subesquema*, *microconstrução* e *construto*, conforme o modelo de Traugott e Trousdale (2013). Para eles, "um esquema é uma generalização taxonômica de categorias" (idem, p. 13) [tradução nossa]. A seguir, uma esquematização da rede construcional proposta por esses autores:

**Quadro 2** – Gradiência de relações hierárquicas entre construções



**Fonte:** Traugott e Trousdale (2013, p. 16).

Vemos, no Quadro 2, o esquema geral “Quantificador”, que abrange os subesquemas “Grande Quantidade” e “Pequena Quantidade”. Assim, enquanto o esquema geral é superordenado e mais abstrato, o subesquema é relativamente mais específico, visto que possui generalidade intermediária (LANGACKER, 2008). Já as microconstruções são mais específicas, pois instanciam formas mais preenchidas dos



subesquemas. No caso do quadro visto, “many” e “a lot of”, por exemplo, são instanciações distintas de um mesmo subesquema: o de “Grande Quantidade”.

Os construtos, por sua vez, constituem realizações efetivas (ou ocorrências de uso) das microconstruções em uma dada situação discursiva. É nesse nível em que ocorrem as mudanças linguísticas, num processo de múltiplas heranças, o que faz com que uma construção herde traços de outras dominantes e mais esquemáticas na hierarquia, resultando em neoanálise da relação forma/significado (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Seguindo essa linha, a construção também pode ser aferida por suas propriedades, quais sejam: esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

A esquematicidade diz respeito ao grau de especificidade da construção, isto é, se é relativamente preenchida ou não. Assim, quanto menos preenchida, mais geral e abstrata é a construção, servindo como um padrão superordenado para a formação construcional. Em contrapartida, quanto mais preenchida, mais idiossincrática e específica, menos esquemática e produtiva.

A produtividade está ligada à quantidade de subesquemas ou microconstruções (*types*) licenciado(a)s pelo esquema geral. Quanto mais *types*, maior produtividade da construção. Inclusive é ela quem determina os protogêneros numa língua, pois as formas mais recorrentes orientam os falantes a usá-la no momento de criação de novas formas ou novos termos (*tokens*). É o que acontece no português com a primeira conjugação verbal (-ar), que norteia a criação de novos verbos, especialmente os de empréstimo linguístico, como *xerocar*, *deletar*, *hackear*, entre outros.

A composicionalidade é o grau de transparência entre a forma e o significado da construção. Significa dizer que quanto mais preenchida, a construção se torna mais estática, menos composicional, mais difícil de decompor e analisar por partes. Isso acontece com expressões idiomáticas. Por outro lado, construções menos preenchidas permitem uma análise de suas partes como elementos que se justapõem para a formação de um elemento composicional, tal como a disposição sintática SVO, prototípica na língua portuguesa. Verifica-se, portanto, o significado do todo como a soma das partes.

Contudo, cabe frisar que duas décadas antes dos britânicos, Goldberg (1995) já realizava uma descrição de construções, esta com base na quantidade de argumentos

sintáticos exigidos pelo verbo e na cena discursiva para o uso de tais formas. Sua análise faz a classificação da estrutura argumental em cinco gêneros de construções, a saber:

- a) ditransitivas, que apresentam o esquema [X CAUSAR Y RECEBER Z];
- b) de movimento causado, cujo esquema é [X CAUSAR Y MOVER Z];
- c) resultativas, de forma [X CAUSAR Y TORNAR-SE Z];
- d) de movimento intransitivo, [X MOVER Y];
- e) conativas, [X DIRIGIR AÇÃO A Y].

Por meio dessa descrição, é possível perceber o conteúdo semântico associado à organização sintática das construções. Cada uma delas, por sua vez, forma uma rede constituída por relações de herança que motivam suas estruturas, tanto por generalização quanto por exceções (ou idiossincrasias).

Goldberg (1995) propõe quatro tipos de relações de herança entre construções. São elas:

- a) polissemia (um sentido particular de uma construção é usado em qualquer extensão);
- b) subparte (uma construção carrega parte de outra, existindo independentemente);
- c) extensão metafórica (o sentido de uma construção dominante é mapeado no sentido de outra, de forma mais abstrata);
- d) instanciação (uma construção é motivada por outra, inclusive por mais de uma, o que ela chama de múltipla herança).

Além desses quatro tipos de relação de herança, Booij (2010) postula a noção de herança *default*, que, segundo ele, refere-se à incorporação, não prevista, de um novo *type* construcional em um nó da rede não associado ao significado básico (ou moldura semântica) da construção com a qual se relaciona. Entretanto, tal relação se estabelece, provavelmente, pelo fato de esse novo *type* possuir alguma característica em comum herdada de um nó mais baixo na rede construcional (cf. HUDSON, 2003b).

Nessa direção, segundo Gonçalves (2016, p. 35), “nem toda informação de nós predominantes é inteiramente preservada”. Assim, apesar de não apresentar características do protótipo, uma dada (micro)construção mantém algum tipo de relação com outro(s) membro(s) da rede, o que explica sua participação no mesmo nó da hierarquia construcional.

Esse fenômeno associa-se à produtividade de uma construção, no sentido de que seu esquema básico pode servir como *template* para a formação de outro(s) *type(s)*, ainda que a moldura semântica deste(s) não tenha vinculação com a construção superordenada. Desse modo, associa-se, ainda, ao que Himmelmann (2004) denomina de “expansão da classe hospedeira” (*host-class expansion*), segundo o qual, tem a ver com a ampliação da frequência de *type*, pela entrada de novas categorias no escopo/domínio de uma dada forma gramatical.

### 3.2.2 Objetividade, subjetividade e intersubjetividade

Traugott e Dasher (2002) consideram os fenômenos objetividade, subjetividade e intersubjetividade em termos de *continuum*. Para esses autores, expressões declarativas, contendo os participantes do evento na superfície frasal e minimamente marcadas por elementos dêiticos e/ou por modalizadores representam atos de fala mais objetivos. Por outro lado, expressões não declarativas que exibem elementos dêiticos e/ou modalizadores, bem como dependentes de inferência pragmática representam atos de fala mais subjetivos ou intersubjetivos.

Segundo Traugott (2010), a escalaridade entre esses fenômenos vincula-se à coexistência (ou sincronia) de formas linguísticas em seus variados usos. Isso significa que uma mesma construção pode, em certo contexto, desempenhar função mais objetiva; em outro(s), estar mais associada a funções mais subjetivas ou intersubjetivas.

### 3.2.3 Inferenciação pragmática

Traugott e Dasher (2002) se debruçaram sobre o fenômeno da inferenciação pragmática, ou inferência sugerida (*invited inference*), a qual se refere ao processo intersubjetivo em que o locutor, ao utilizar uma dada expressão linguística com um novo significado em um contexto específico, conta com a colaboração (capacidade de inferenciação) de seu parceiro de interlocução para apreender o sentido desejado. Esse fenômeno está implicado na inovação linguística (que pode levar à mudança de uma construção), quando se dá o uso de uma dada forma linguística em um novo contexto (sintático e discursivo) com significado diverso do convencional. Nessa situação, o

falante/escritor espera que ouvinte/leitor consiga identificar (ou inferir) a nova função atribuída a essa forma nesse contexto atípico.

Nessa perspectiva, a noção de inferência pragmática aproxima-se do conceito de *implicatura*, ao qual se associa o *princípio de cooperação interacional*, conforme se encontra em Levinson ([1983] 2008). Significa que o falante/escritor negocia com o ouvinte/leitor a atribuição de um novo sentido para um certo construto linguístico em uma dada situação comunicativa.

Seguindo essa ótica, uma pessoa pode omitir algumas informações no momento da interação, contando que seu interlocutor entenda e aja conforme o esperado. Um exemplo comum acontece em sala de aula: alguém que está sentindo calor olha para o outro que está próximo ao controle do condicionador de ar e diz "Que calor!". Nesse momento, espera-se que o ouvinte pegue o controle e acione o aparelho para refrigerar o ambiente. Não é necessário pedir direta e explicitamente que ele o faça, pois a situação comunicativa recorrente o induz a realizar esse processo naturalmente, por inferência sugerida.

### 3.2.4 Neoanálise

Quando há mudança na forma ou no sentido mediante uma reinterpretação de uma forma em outro contexto de uso, temos o processo de *neoanálise*, conforme Bybee ([2010] 2016).

Neste trabalho, veremos que alguns fenômenos linguísticos não são claramente discretos (nítidos), mas são confundidos com outros, devido a um *continuum* de variação que permite a apropriação de características de uma construção por outras aparentemente distintas e inconfundíveis.

Como exemplo, podemos citar (7):

(7) [...] A maioria dos filmes **que são oferecidos** são os famosos 'enlatados' americanos onde a temática se desenvolve num misto de lutas violentas ou tramas macabras (p. 78).

Na parte marcada, temos uma CRVP sem SP agentivo. Apesar de a forma ser de uma oração relativa com agente inferível pelo contexto (e por isso está oculto – emissoras de TV), a ação de oferecer não tem tanta representatividade e dá lugar a um atributo dos

filmes, podendo, inclusive, ser substituída por um adjetivo como “ofertados” ou “disponíveis”.

Temos, portanto, uma neoanálise de um adjetivo, na forma de uma construção relativa, composta de pronome relativo e estrutura passiva.

### 3.2.5 Motivações competidoras

Diversos fatores podem interferir na escolha dos falantes em relação ao tipo de construção que empregam no momento da interação. Aqui, vamos tratar de dois que são antagônicos, a economia linguística e a iconicidade.

#### 3.2.5.1 *Economia*

Aquilo que é recorrente numa língua tende a ser condensado no momento de sua expressão, como o uso de abreviaturas, siglas, expressões curtas, assim como termos que são criados para representar conceitos complexos. Isso já havia sido estudado por Zipf e foi, posteriormente, retomado por Haiman (1983, p. 781):

A distância entre expressões linguísticas pode ser um indicador iconicamente motivado da distância conceitual entre os termos ou eventos que eles denotam. A forma reduzida pode ser um indicador economicamente motivado de familiaridade. Grande parte da arbitrariedade da estrutura gramatical surge quando motivações igualmente plausíveis como iconicidade e economia estão, de fato, competindo como expressão da mesma dimensão linguística [tradução nossa].<sup>8</sup>

Quanto mais familiares, as palavras tendem a ser mais opacas, de difícil recuperação de suas motivações, enquanto que contextos menos familiares exigem mais explicação, mais clareza, forçando os usuários da língua a empregar palavras semanticamente transparentes, icônicas, visando promover a comunicação eficaz.

---

<sup>8</sup> “The distance between linguistic expressions may be an iconically motivated index of the conceptual distance between the terms or events which they denote. But the length of an utterance may also correspond to the extent to which it conveys new or unfamiliar information. Reduced form may thus be an economically motivated index of familiarity. Much of the arbitrariness of grammatical structure arises where equally plausible motivations such as iconicity and economy are, in effect, competing for expressions on the same linguistic dimension.”

Quanto à sintaxe, em geral se usa a forma reduzida para expressar um objeto esperado, previsível, e as formas completas para se referir a objetos inesperados. Inclusive, uma informação pode ser tão previsível que pode ser substituída pela anáfora zero (HAIMAN, 1983). Supomos, portanto, que as Construções de Adjetivo de Particípio Passado (CAPP) são aplicadas em contextos previsíveis, ao passo que as Construções Relativas na Voz Passiva (CRVP) servem para propósitos mais específicos, como a introdução de assuntos novos. Essa hipótese será verificada nesta pesquisa.

Apesar de as formas icônicas e econômicas serem opostas e existirem fortes motivações para o uso de uma em detrimento da outra, há também pressões para a alternância de uma pela outra em alguns contextos. Haiman (*op. cit.*) defende que tais formas parecem trabalhar em harmonia, isto é, cada uma possui seu espaço na língua. No entanto, é importante frisar um conceito básico para a semântica, o qual defendemos, que não existem sinônimos perfeitos/absolutos, conforme Bolinger (1977 *apud* HAIMAN, 1983). Uma vez que sinônimos próximos diferem na forma, também apresentam divergências no conteúdo, segundo uma determinada motivação.

### 3.2.5.2 Iconicidade

Ao tratar de motivação linguística, precisamos citar o conceito de iconicidade, há muito discutido nos estudos da linguagem, o qual diz, de maneira geral, que uma dada forma linguística é motivada por sua função discursiva. Isto é, uma construção se materializa no texto de uma determinada forma e não de outra porque sua função assim o exige, por razões discursivo-pragmáticas, como clareza suficiente para que haja uma comunicação eficaz entre as partes envolvidas num diálogo, evitando mal-entendidos. Não obstante, em alguns casos, essa motivação não é tão aparente quanto nos casos mais prototípicos.

Para analisar uma construção a partir da iconicidade, será necessário investigar seus três subprincípios, conforme descrição de Givón (2001). São eles: *quantidade de informação* (quanto mais nova é uma informação para o interlocutor, mais material linguístico será empregado para expô-la, assim como uma informação velha demanda menos material linguístico para expressá-la); *proximidade entre os constituintes* (conceitos relacionados cognitivamente aparecem mais ligados morfossintaticamente,

enquanto conceitos não relacionados não tendem a manifestar proximidade textual); e *ordenação linear* (os conceitos se organizam na fala ou na escrita de acordo com sua relevância comunicativa). Vejamos o exemplo (8):

(8) [...] todo mundo **que era enterrado** ali ou todo animal **que era enterrado** ali voltava (p. 6).

A partir do princípio da iconicidade, podemos fazer a seguinte análise: no momento de recontar um filme ao qual o informante assistiu, ele fala sobre os corpos que foram sepultados num cemitério mal-assombrado. No trecho destacado, temos uma oração relativa cuja função sintática é de aposto restritivo (informação nova), para especificar que quem voltava era somente os que foram enterrados ali. Por isso se usou mais material linguístico. No primeiro caso, não seria possível substituir a oração por um adjetivo (enterrado), porque daria a ideia de que o planeta seria enterrado e não as pessoas. Essa dupla interpretação não aconteceria com o segundo caso, já que “animal enterrado” não permite outra interpretação.

Quanto ao subprincípio da proximidade, vemos, nesse caso, que os Sintagmas Nominais (SN) aparecem integrados, sem possibilidade de intervenção do verbo, por serem o determinante (*todo*), o nome (*mundo/animal*) e seu adjunto adnominal (*que era enterrado ali*) como um bloco indissociável.

Em relação à ordenação linear, vemos que os apostos aparecem pospostos a seus referentes (*todo mundo; todo animal*), por serem restrições de algo que foi dito anteriormente, sendo introduzidas pelo pronome relativo *que*.

Estudos anteriores, como o de Haiman (1983), identificaram a iconicidade como uma das principais motivações para a formação de uma língua, sendo seu único concorrente real a economia linguística. Du Bois (1985), pela mesma linha, afirmou que tais motivações competem entre si, constituindo a força motriz da gramaticalização, em que a frequência de uso de dadas estruturas as cristalizam. Nesse sentido, as construções são motivadas funcionalmente.

Radden e Panther (2011, p. 3) explicam que "uma unidade linguística (alvo) é motivada se alguma de suas propriedades é moldada pela fonte linguística (forma e/ou conteúdo) e por fatores independentes da língua", como saliência cognitiva, metonímia e economia linguística. Quando se fala em “motivação”, em geral, tem-se a ideia desse

conceito como oposto ao da arbitrariedade, remetendo-se aos estudos saussureanos, nos quais se defende que, em uma língua, há signos criados por razões específicas (necessidade) e outros que são criados arbitrariamente pelo homem, sem uma lógica explícita.

Saussure ([1916] 2006) já afirmava ser a língua variada, composta por signos arbitrários e signos motivados. Todavia, ele não admitia a possibilidade de a língua ser completamente motivada, mas que a motivação era um caso limitado de arbitrariedade. Sua ideia de motivação relativa permitiu o desenvolvimento de posteriores estudos na Linguística Cognitiva, como os de Lakoff (1987), que postulavam que motivação é a norma, e a arbitrariedade, o último recurso.

Heine (1997), por sua vez, relaciona o uso da língua ao comportamento humano. Ele mostra que as pessoas se comportam de uma determinada maneira por serem influenciadas por motivos específicos. Assim também deve ocorrer com a escolha linguística, nos atos de fala, uma vez que a estrutura da língua é um produto do comportamento, que é motivado.

Assim, vemos que as construções econômicas andam na contramão das icônicas. Enquanto a iconicidade explica as formas pela quantidade, proximidade e ordenação linear, visando a expressão de informações novas, desconhecidas do interlocutor, e por isso necessitam de mais forma, a economia motiva ocorrências por pressões pragmáticas e comunicativas, uma vez que em geral é empregada para expressão uma informação velha, disponível.

### 3.2.6 Informatividade e Perspectivização

O modo de dizer algo depende da intenção do falante, associada à necessidade do ouvinte, por meio da escolha da ênfase no agente, na circunstância ou no paciente de uma oração (TOMASELLO, 1998). Mudando-se a perspectiva na qual um fato é narrado, pode-se gerar um entendimento diferente ou equivocado do real, intencional ou não. Também, dependendo da necessidade comunicativa, um falante/escrevente pode usar menos ou mais material linguístico no momento da fala ou da escrita.

Na voz passiva, por exemplo, temos uma mudança na perspectiva dos fatos, pois o agente perde seu lugar no início da sentença, o qual passa a ser ocupado pelo paciente,



que assume a perspectiva da ação sofrida em detrimento da ação realizada por alguém. Os conceitos descritos abaixo, *Tópico e Topicalidade* e *Modificadores nominais*, nos ajudarão a compreender melhor a informatividade e perspectivização.

### 3.2.6.1 *Tópico e Topicalidade*

Tradicionalmente, em pragmática, chama-se *tópico* o assunto de que se fala e "foco", o que se fala sobre o tópico. Givón (2001) explicou que a topicalidade é uma propriedade dos referentes nominais, em geral, sujeitos e objetos das orações, que possuem proeminência cognitiva e persistência discursiva. Isso quer dizer que os termos que exercem a função pragmática de tópico permanecem mais salientes no discurso, tanto na ordem em que são codificados (no início da oração), quanto na duração (ultrapassam os limites da oração, chegando ao contexto discursivo).

Tendo uma dimensão cognitiva, a topicalidade está relacionada ao foco de atenção em um ou dois eventos ou estados importantes durante o processamento de orações complexas<sup>9</sup> no momento da interação verbal (GIVÓN, 2001). Por exemplo, durante a conversa entre duas pessoas, diversos assuntos podem ser abordados, inclusive com intercalações entre as falas e elipses.

Assim, para facilitar o entendimento, um tópico inicial é citado pela primeira vez com material fônico suficiente para que o interlocutor se situe e saiba de que se está falando. A partir desse momento, tal referente normalmente passa a ser substituído naturalmente por pronomes e/ou anáforas zero. A esse processo, Givón (2001) dá o nome de acessibilidade anafórica. Quando se deseja mudar de assunto, cita-se um novo tema e a conversa continua. Nesse movimento de ativação mental de novos tópicos e desativação dos antigos, os modificadores nominais possuem funções significativas, conforme descrito no subtópico seguinte.

---

<sup>9</sup> Chamamos de oração complexa o período composto por subordinação.

### 3.2.6.2 Modificadores nominais

Givón (2001) explicou que os modificadores nominais são usados para especificar ou restringir o domínio de referência de seus nomes principais (referentes). Essa especificação é necessária porque substantivos não se referem a uma única entidade em todos os contextos (*tokens*). Normalmente, eles representam tipos de entidades (*types*). Consequentemente, eles requerem mais modificações a fim de se tornarem expressões com referencial único.

Os modificadores podem ser morfemas (marcadores de caso e número, classificadores e determinantes/artigos), palavras lexicais (demonstrativos, adjetivos, substantivos compostos, numerais e quantificadores), sintagmas (preposicionais e relacionais) e orações (complementos nominais e orações relativas).

Ainda conforme a classificação de Givón (2001), os modificadores podem ser restritivos (quando estreitam o domínio de referente, como os determinantes definidos) ou não-restritivos (quando enriquecem a descrição do referente com mais atributos característicos, sem restringi-lo). Em português, os não-restritivos são codificados, preferencialmente, antes do referente, como em:

(9) [...] se você parar de treinar durante um **determinado** tempo... você perde tudo aquilo que adquiriu (p. 21).

No dado (9), o domínio do referente *tempo* não é restringido pelo modificador<sup>10</sup> em destaque. O informante apenas relata que um procedimento culinário demora um tempo considerável, mas inexato, diferente de (10), fragmento da narrativa recontada sobre o filme *Ghost*:

(10) [...] E: ele teve que ir embora por quê?  
I: porque chegou... o tempo **determinado** (p. 111).

---

<sup>10</sup> Os adjetivos antepostos se comportam como as orações relativas apositivas, estudadas por Decat (2004). É uma estratégia de focalização para aumentar a argumentatividade do que se diz. Seu uso demonstra maior importância do termo associado, e sua função textual-discursiva é de avaliação e/ou retomada.

Aqui vemos que o informante restringe o *tempo*, não é mais incerto, mas planejado por alguém. No trecho, a pessoa se referia ao final do período em que um homem que havia morrido poderia permanecer na Terra como um espírito antes de ser levado por uma luz.

No presente estudo, nos detemos apenas à investigação dos modificadores restritivos: os adjetivos pospostos ao nome, mais especificamente os deverbais de particípio passado (CAPP), e as orações relativas restritivas, associadas a construções de voz passiva (CRVP).

Ao final deste capítulo, reforçamos a hipótese de que, se as CRVP e CAPP apresentam formas distintas, elas devem servir a funções distintas. Supomos que a segunda construção surgiu de uma necessidade comunicativa diferente da primeira. Portanto, a fim de averiguar a validade do que inicialmente pensamos, fizemos a análise do *corpus*, que se encontra na próxima seção.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, analisamos os dados com base nos pressupostos teórico-metodológicos da LFCU. Descrevemos os aspectos formais e quantitativos da CRVP e da CAPP. Em seguida, discutimos os aspectos funcionais (semântico-cognitivos e discursivo-pragmáticos) dessas construções.

### 4.1 Aspectos formais e quantitativos da CRVP e da CAPP

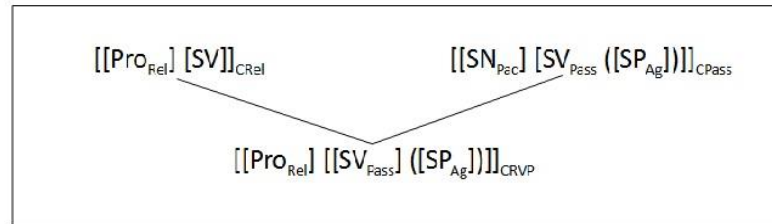
Nesta subseção, descrevemos a configuração formal da CRVP e da CAPP em seus aspectos morfológicos e sintáticos, examinando possíveis relações de correspondência entre elas. Na sequência, apresentamos dados quantitativos referentes a ambas as construções no *Corpus D&G*. Foram considerados os fatores frequência de uso, modalidade da língua, gênero textual e grau de escolaridade, com vistas a verificar se há influência no uso de uma ou outra construção.

#### 4.1.1 Formações da CRVP e da CAPP

A CRVP é uma estrutura oracional composta por um pronome relativo (que a introduz) – preferencialmente, *que* –, seguido de uma construção passiva canônica: um verbo auxiliar ( $V_{Aux}$ ) – *ser* –, um verbo nuclear no particípio passado<sup>11</sup> e um eventual (não obrigatório) sintagma preposicional agentivo ( $SP_{Ag}$ ). Dadas essas condições, podemos afirmar que a CRVP consiste na mesclagem/fusão de duas construções, a saber: a construção oracional relativa/adjetiva ( $[[Pro_{Rel}] [SV]]_{CRel}$ ) e a construção oracional na voz passiva ( $[[[SN_{Pac}] [SV_{Pass} ([SP_{Ag})]]]_{CPass}$ ). Tal construção pode ser formalizada pelo seguinte esquema genérico:  $[[Pro_{Rel}] [[SV_{Pass} ([SP_{Ag})]]]_{CRVP}$ .

---

<sup>11</sup> Conforme observado anteriormente, o particípio passado é formado, majoritariamente, pela terminação *-do*, que é a forma regular. Além dessa, forma-se também pelos modos irregulares com terminação em *-to* (como *feito*, *aberto*, *extinto*, *exposto* e similares) e, mais raramente, em *-so* (como *preso*, *suspenso*, por exemplo) ou em *-o* (como *aceito*, *pago*, *prego*). Cabe assinalar ainda que como se trata de uma forma nominal do verbo, estabelece concordância de gênero e de número com o substantivo a que se vincula.

**Quadro 3**—Formação da CRVP

Fonte: elaborado pelo autor

A esse respeito, Goldberg (2003) informa que uma construção oracional complexa compõe-se de outras construções menores (construções lexicais e gramaticais), mas pode também, além disso, ser formada pela combinação de outras construções complexas. Daí por que defendemos que a CRVP resulta de uma combinação da construção oracional relativa com a de voz passiva, visto que apresenta traços tanto de uma ( $Pro_{Rel}$ ) quanto da outra ( $SV_{Pass}+[SP_{Ag}]$ ).

A CRVP exhibe *status* de modificador nominal, em posição adjuntiva, de um conteúdo referencial – expresso por um nome substantivo (N) ou equivalente. Pode também vir em posição apositiva, funcionando como termo explicativo. Nesse sentido, essa construção é semântica e sintaticamente dependente, visto que pressupõe um referente nominal a que se vincula (cf. BECHARA, 2009; CUNHA; CINTRA, 2013), como podemos comparar em (11) e (11a) – sua versão apositiva, propositalmente alterada apenas para fins de comparação:

(11) [...] a escola era amarela... a fachada assim... algumas:: aliás... era toda pintada de amarelo... né... e a sala de aula **que foi transformada em quarto para a gente dormir** é:: eram brancas por dentro... né... grandes... muito grandes as salas de aula (p. 87).

(11a) [...] a escola era amarela... a fachada assim... algumas:: aliás... era toda pintada de amarelo... né... e a sala de aula... **que foi transformada em quarto para a gente dormir**... é:: eram brancas por dentro... né... grandes... muito grandes as salas de aula.

Em (11), a oração em destaque restringe o antecedente *sala de aula*, como um lugar reservado por um tempo para dormir e que tinha as paredes brancas, diferente das outras salas. Já em (11a), as reticências indicam pausa na fala e iniciar uma explicação de que a sala de aula passou por uma transformação, contudo, sem opor às demais salas, por serem todas brancas.

Na dado extraído do *corpus*, o problema de concordância nominal e verbal atrapalha um pouco a compreensão, mas é válida a ideia de que o uso da vírgula (na escrita) ou da pausa (na fala) muda o significado de uma expressão, restringindo-a ou explicando-a.

Dado que a CRVP se adjunge, na condição de adjetivo modificador, a um nome referencial, ela atua, nesse contexto, como delimitador conceitual, especificando/restringindo o conteúdo do nome (cf. LIBERATO, 2001; ROCHA LIMA, 2011). Sendo assim, trata-se de uma construção encaixada, cujo escopo é o SN, constituindo-se parte integrante deste. A amostra a seguir ilustra essa estrutura construcional.

(12) [...] é *um bosque* **que foi violado por...** **por ser humano** (p. 50).

N<sub>Ref</sub>    Pro<sub>Rel</sub>    SV<sub>Pass</sub>    SP<sub>Ag</sub>

Por motivos informacionais, essa construção pode ocorrer, alternativamente, com o SP agentivo, tal como se vê em (12), ou sem ele. Historicamente, julgamos que quem viola a natureza são os seres humanos, logo se infere que seja ele o agente da oração destacada, ainda que não apareça na construção. No entanto, se a ação fosse realizada por um animal ou outro ser, seria necessário explicitar seu nome.

Já em (13), vemos um caso em que o agente (omitido) pode ser recuperado com base no contexto discursivo:

(13) [...] essas *duas coisas* **que foram colocadas** no livro (p. 84).

N<sub>Ref</sub>    Pro<sub>Ref</sub>    SV<sub>Pass</sub>

Uma vez que quem coloca “coisas” (conteúdo) no livro é o seu autor ou editor, é preferível economizar material linguístico e contar com a capacidade de inferência do interlocutor para entender o enunciado.

A CAPP, por sua vez, é composta, prototipicamente, por um adjetivo derivado de verbo no particípio passado. Essa construção representa um sintagma adjetival modificador (SA<sub>Mod</sub>) / predicativo (SA<sub>Pred</sub>) de um nome referencial (ou equivalente), consistindo, do mesmo modo que a CRVP, numa construção que pode figurar adjungida ao N, compondo com este o SN ou parte dele. Assim, essa construção também

pressupõe um conteúdo referencial (ou similar). Na condição de adjunto modificador, é morfológica, sintática e semanticamente subordinada ao N e por ele escopada.

Em comparação com a condição modificadora da CRVP, a função da CAPP é, igualmente, delimitar o significado do N, restringindo-o conceitualmente. Sendo assim, constatamos que essa construção mantém estreita relação de sentido com a CRVP. Observemos a amostra que segue:

(14) [...] coloque o *chocolate* **derretido** por cima da massa e leve ao forno (p. 37).

N<sub>Ref</sub>      SA<sub>Mod</sub>

Mesmo que admitamos não existir sinonímia perfeita e que uma dada construção não possui outra que a substitua em sua plenitude, pudemos verificar, pela amostra (14), que o adjetivo *derretido* vinculado a *chocolate* poderia ser substituído pela construção relativa *que foi derretido* sem resultar, praticamente, em nenhuma alteração no significado pretendido. Tal correspondência indicia certa paridade semântica entre ambas as construções e a ideia de que elas possam ser vistas como intercambiáveis.

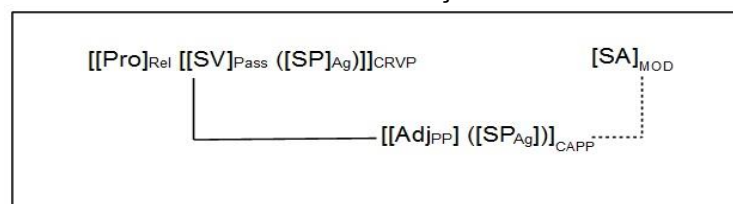
Assim como a CRVP, a CAPP, nesse contexto sintático, também pode ser ou não acompanhada por um SP agentivo (nesse caso, funcionando como um complemento relativo/oblíquo). Vejamos a seguinte amostra:

(15) [...] tem *caminho* já **delimitados pelos próprio andarilhos ali das dunas** (p. 53).

N<sub>Ref</sub>      Adj<sub>PP</sub>      SP<sub>Ag</sub>

Considerando as ocorrências em (14) e (15), podemos assumir que, sob essas condições, a CAPP se formaliza pelo seguinte esquema construcional:  $[[Adj_{PP}] ([SP_{Ag})]_{CAPP}$ . Por esse esquema, vemos que, semelhantemente à CRVP, na CAPP, o SP<sub>Ag</sub> é opcional, isto é, pode ou não se realizar na construção (daí o fato de vir entre parênteses em ambos os esquemas), a depender de pressões discursivas. No quadro a seguir, propomos o esquema de formação da CAPP.

**Quadro 4–** Formação da CAPP



**Fonte:** elaborado pelo autor

Em vista disso, admitimos a hipótese de que a CAPP modificadora<sup>12</sup> representa uma redução da CRVP, tendo como base o processo de neoanálise, no qual a forma verbal de particípio passado na CRVP é neoanalisada como adjetivo em razão da dispensa do Pro<sub>Rel</sub> e do V<sub>Aux</sub>. Esse processo se dá pela contiguidade sintagmática entre elementos inter-relacionados, em que, dada a frequência de uso, tais elementos são reinterpretados e reorganizados, resultando em uma nova forma com nova funcionalidade de um ou mais de seus componentes (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Esse fenômeno também se dá por analogia com o esquema do sintagma adjetival modificador (SA<sub>Mod</sub>) já existente na língua. Nesse sentido, o falante lança mão de um modelo disponível, em razão de certa(s) semelhança(s) de forma ou de função entre ambos (TRAUGOTT; TROUSDALE, *op. cit.*).

Além disso, nesse processo, pesam dois fatores: um é que o Pro e o Aux têm pouca contribuição semântica no enunciado e são fonologicamente fracos; o outro é que o verbo nuclear da CRVP (na voz passiva) assume forma de adjetivo, exibindo concordância de gênero e de número com o referente a que remete, o que facilita sua aproximação adjuntiva ao N como Adj<sub>Mod</sub>. A seguir, representamos, grosso modo, o processo aqui hipotetizado.

**Quadro 5 – Processo de neoanálise pressuposto na CAPP**

**caminho que já foram delimitados pelos próprio andarilhos ali das dunas – CRVP**

*caminho* ~~que já foram delimitados pelos próprio andarilhos ali das dunas~~ – Eliminação

*caminho* já delimitados pelos próprio andarilhos ali das dunas – CAPP

**Fonte:** elaborado pelo autor

Sendo assim, a CAPP representa um caso de economia de processamento, uma vez que é possível depreender a função adjetival que ela desempenha sem a perda do significado de passividade presente na forma verbal (cf. HAIMAN, 1983). A diferença que parece existir entre a CAPP e a CRVP é que, enquanto esta focaliza um evento transitivo

---

<sup>12</sup> Como, neste trabalho, a CAPP será considerada apenas em sua condição adjuntiva ao N, e não em outros contextos e funções, dispensaremos o acréscimo e a repetição do termo “modificadora”.



em relação ao referente-paciente, aquela focaliza um quadro estativo resultante do evento.

Fora do *corpus* pesquisado, identificamos ocorrências da CAPP em que o adjetivo também poderia corresponder a uma construção relativa (CR) na qual figuraria como predicativo ou equivaleria a um verbo intransitivo. Casos como esse, obviamente, bloqueiam o emprego do SP<sub>Ag</sub> pelo fato de não haver noção de passividade implicada na cena. Sendo assim, a CAPP não se vincula a um referente paciente/tema. Vejamos as amostras que seguem:

(16) Era só *um sentimento adormecido*,

Que despertou outra vez,

E causou formigamento na alma.

(Disponível em: <[https://www.pensador.com/sentimento\\_adormecido/](https://www.pensador.com/sentimento_adormecido/)>. Acesso: 30 out. 2017).

(17) O norte-americano Jeffrey Michael Samudosky encontrou uma maneira incrível de dar um fim a *um tronco caído* na margem de uma estrada. (Disponível em: <<https://www.megacurioso.com.br/artes-cultura/104209-transformaram-um-tronco-caido-em-um-polvo-gigante-e-o-resultado-e-genial.htm>>. Acesso: 30 out. 2017).

Na amostra (16), observamos que o adjetivo *adormecido* poderia ser substituído pelas construções relativas *que estava adormecido* ou *que adormeceu*. O mesmo poderia acontecer com *caído* (17), ao ser substituído por *que estava caído* ou *que caiu*. Entretanto, a forma composta pelo *relativo que* + *verbo estar* + *particípio* é mais provável de ser usada, por se aproximar mais do adjetivo e denotar estaticidade, enquanto a forma *relativo que* + *verbo no pretérito perfeito* denota dinamicidade, ainda que os verbos sejam intransitivos. Além disso, em ambos os casos, o uso do Adj<sub>Mod</sub> decorre do encurtamento da CR em que ele é predicativo:

- um sentimento *que estava adormecido* (predicativo);
- um sentimento *adormecido* (adjunto adnominal);
- um tronco *que estava caído* (predicativo);
- um tronco *caído* (adjunto adnominal).

Quanto ao caso de o adjetivo equivaler ao verbo intransitivo, sua forma participial no SN não poderia provir da redução da oração relativa [[Pro<sub>Rel</sub>] [V<sub>intr</sub>]]:

- um sentimento *que adormeceu* (verbo intransitivo);
- um sentimento *adormeceu* (verbo intransitivo);
- um tronco *que caiu* (verbo intransitivo).

- um tronco **caiu** (verbo intransitivo).

Em vez disso, parece derivar da propriedade que todo verbo tem de se flexionar no particípio passado, assumindo propriedades nominais.

Apesar do encurtamento demonstrado em (16) e (17), identificamos ocorrências da CAPP em que o adjetivo não poderia, de fato, ser substituído por uma CRVP, devido a uma mudança semântica entre as formas. Nesses casos, a CAPP é instanciada por adjetivos que parecem expressar uma característica estável – ou a descrição de uma propriedade – do referente, não sinalizando, propriamente, o resultado de um evento, conforme podemos observar nas ocorrências (18) e (19) a seguir.

(18) [...] tinha algumas... *alguns personagens divertidos* meio bobos... os vilões bobos... (p. 70)

(19) [...] aí... passava principalmente *muitos caminhões... pesado* né... aí havia muito acidente (p. 4)

Em tais casos, é improvável (ou mesmo impossível) poder converter os adjetivos *divertidos* e *pesado* em uma construção adjetiva que denota evento. Em outras palavras, tais adjetivos dificilmente poderiam ser transformados, respectivamente, em *que (se) divertiam* e *que pesavam/foram pesados*, embora sejam formações que têm como base verbos transitivos. Também não é possível o acréscimo do SP agentivo, em razão de não haver ideia de passividade. Assim, esses adjetivos também parecem derivar da possibilidade de o verbo se flexionar no particípio passado com propriedades nominais.

Existem, ainda, casos da CAPP no SN em que o adjetivo parece não decorrer de um verbo. São construtos adjetivais supostamente já “nascidos” no PP, sem que se possa, de fato, relacioná-lo a um evento verbal. Representam esse fenômeno ocorrências como “noite *enluarada*”, “pessoa *tresloucada*”, “vendedor *amalucado*”, por exemplo, cujos adjetivos, dificilmente, relacionamos aos respectivos verbos *enluarar*, *tresloucar* e *amalucar*.<sup>13</sup>

Portanto, considerando os casos examinados, podemos assumir que a CRVP e a CAPP se inter-relacionam, na medida em que esta parece representar a forma reduzida daquela, com certa equivalência de sentido, contudo aplicáveis a contextos de uso

---

<sup>13</sup> Por estarem fora do escopo deste trabalho, os casos da CAPP que não podem ser “equiparados” à CRVP não serão considerados aqui.

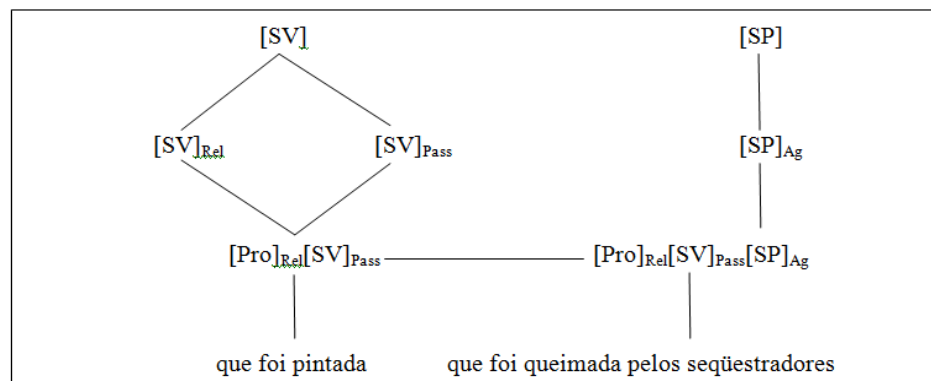
diversos, denotando perspectivas distintas: a primeira focaliza um evento referente a um N passivo; a segunda, uma situação/característica estática do N a que se vincula.

A CAPP também parece equivaler semanticamente a uma CR em que o adjetivo figura como predicativo ou se assemelha a um  $V_{intr}$ , também pelo mesmo motivo de parecer uma redução da CR. Entretanto, há casos em que a CAPP não pode(ria) ser substituída por uma CRVP nem por uma CR, posto que descreve um aspecto ou uma propriedade do N, não envolvendo, propriamente, a noção de um evento ocorrido.

#### 4.1.2 Redes da CRVP e da CAPP

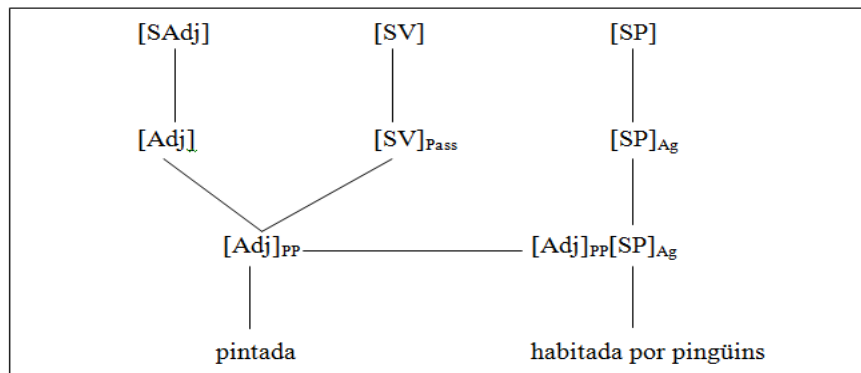
A partir da verificação dos construtos no *corpus*, construímos as redes construcionais da relativa de voz passiva e do adjetivo de particípio passado. Ambas, conforme já vimos, apresentam uma variante, que é o acréscimo do  $[SP]_{Ag}$  na posição final. Assim, quatro microconstruções foram necessárias para representar os 133 construtos, os quais foram organizados nas seguintes redes: a primeira, da CRVP; e a segunda, da CAPP. Vejamos os Quadros 6 e 7 a seguir.

**Quadro 6** – Rede da CRVP



**Fonte:** elaborado pelo autor

Vemos, no Quadro 6, que as microconstruções formadas por oração relativa na voz passiva possuem um núcleo comum: o esquema geral de base verbal. Esse esquema codifica a dinamicidade dos construtos, que denotam processos realizados por agentes omitidos (no primeiro, quem pintou) ou explícitos (no segundo, quem queimou).

**Quadro 7**– Rede da CAPP

**Fonte:** elaborado pelo autor

O Quadro 7 apresenta uma diferença em relação à CRVP: possui base adjetival, o que codifica a estaticidade do referente. Também é interessante frisar que o adjetivo deverbal de particípio passado é uma categoria híbrida, tendo características nominais (pode modificar o nome referente) e verbais (possui desinência de particípio passado, particularmente quando vem com o acréscimo do [SP]<sub>Ag</sub>).

Os construtos exemplificados na rede não retomam o processo realizado, mas o produto final. No caso, uma porta que passou por pintura e uma gruta cujos moradores eram pinguins.

A partir da análise das duas redes, percebemos que as CAPP mantêm as desinências verbais das CRVP. Contudo, os adjetivos são mais econômicos na forma por terem menos informação explícita, mais relacionada a um atributo do nome referente.

#### 4.1.3 Relações de herança entre a CRVP e a CAPP

A partir da análise das redes construcionais das CRVP e das CAPP, podemos dizer que os adjetivos deverbais de particípio passado são uma categoria híbrida, pois mantêm a terminação verbal de particípio, mas não carregam consigo a ideia de transitividade, de processo, e sim de estado, marca característica de adjetivos prototípicos. Além disso, quando são agregados os sintagmas preposicionados agentivos, como em *trabalho feito por mim*, nota-se uma equivalência com as construções relativas passivas mais prototípicas.

Sendo assim, entendemos que a relação existente entre a CRVP e a CAPP é de herança por subparte, em que esta representa uma redução daquela, existindo independentemente da construção matriz (GOLDBERG, 1995). Subjacentes a essa relação, estão os mecanismos de neoanálise sintático-categorial e de analogização com o SA<sub>Mod</sub>, conforme assinalados anteriormente (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Dessa forma, podemos dizer que há um *continuum* entre a CRVP e a CAPP, na seguinte escala:

**Quadro 8** – *Continuum* entre a CRVP e a CAPP

(mais icônico) CRVP [SP]<sub>Ag</sub> > CRVP > CAPP [SP]<sub>Ag</sub> > CAPP (mais econômico)

**Fonte:** elaborado pelo autor

Não obstante, não podemos dizer que essa gradação é uniforme e aplicável a todas as ocorrências da língua, porque há casos em que os adjetivos acompanhados de SP agentivos apresentam maior informatividade do que as orações sem agente explícito.

#### 4.1.4 Dados quantitativos referentes à CRVP e à CAPP no *Corpus* D&G

Em relação aos dados quantitativos, identificamos uma predominância da CAPP, sem o SP<sub>Ag</sub>, sobre as demais configurações. Podemos conferir isso na tabela que segue:

**Tabela 1**– Ocorrências da CRVP e da CAPP no *corpus* D&G/Natal

Ocorrências	CRVP + SP <sub>Ag</sub>	CRVP	CAPP + SP <sub>Ag</sub>	CAPP
133 (100%)	03 (2,3%)	26 (19,5%)	09 (6,8%)	95 (71,4%)

**Fonte:** elaborado pelo autor

As construções sem SP<sub>Ag</sub> representam 121 casos, o que corresponde a 91% do total de ocorrências contra apenas 9,0% das acompanhadas pelo elemento agentivo. As razões para a omissão desse componente são de natureza diversa. Uma delas é o fato de ele poder ser recuperado no texto, por já ter sido mencionado, como vemos a seguir:

(20) [...] eu noto um pontinho de mosca no quadro... então eu vou lá com cotonete e água e dou uma limpada [...] o cotonete **embebido** num pouquinho de água (p. 62).

A amostra (20) é parte de um relato de procedimento no qual o informante fala sobre a limpeza que faz em pinturas emolduradas. Ele afirma anteriormente que limpa com cotonete e água. E como não é citada outra pessoa no processo, deduzimos que o agente da CAPP *embebido* é o mesmo das orações anteriores (*eu/por mim*).

Outra razão para a omissão é o fato de o SP<sub>Ag</sub> estar pressuposto/implicado na situação descrita, podendo ser, nesse caso, facilmente depreendido, como (21):

(21) [...] bilhões [...] de *dinheiro* **que foi tirado** da população (p. 147).

Em (21), também um relato de opinião, o locutor está discutindo a suposta adoção da pena de morte no Brasil, focalizando, mais especificamente, o problema da falha da justiça brasileira quanto à aplicação da lei a poderosos. Portanto, nesse contexto, pode-se inferir quem é o agente (que tira o dinheiro da população) ao qual o informante se refere: gestores públicos e políticos desonestos.

Um terceiro motivo para omitir o SP<sub>Ag</sub> é o fato de expressar um termo de natureza genérica, aplicando-se a qualquer agente/causador indefinido, como vemos em (22):

(22) [...] é uma situação super difícil sabe? super difícil mesmo... imagine a gente fica assim... horrorizada com a situação... imagine os familiares dessas *pessoas* **que foram assassinada**... fica assim... com as mãos atadas... não sabe o que fazer (p. 119).

No excerto (22), não seria possível ao falante mencionar quais os agentes responsáveis pelo assassinato das *pessoas* a que se refere, pois se trata de vítimas indefinidas, não identificadas por ele. Do mesmo modo, os executores desses crimes também são desconhecidos do locutor, todavia podem ser genericamente classificados como *assassinos*.

E, por fim, um quarto motivo para não codificar o SP<sub>Ag</sub> é o caso de este ser ignorado pelo locutor, pelo fato de não ser do interesse do falante ou escrevente em informá-lo, seja por não ter relevância discursiva ou por ser, de algum modo, comprometedor para a face do informante e/ou de seu interlocutor (cf. LEVINSON, [1983] 2008; GIVÓN, 1984; FURTADO DA CUNHA, 1989). Podemos ver um exemplo de irrelevância discursiva em (23):

(23) [...] já a escadaria **que foi pintada posterior à armação da cozinha**... ela foi pintada de uma cor... de um amarelo quase bege" (p. 20).

Na ocorrência (23), o que interessa é apresentar a descrição do local. Sendo assim, é irrelevante, nesse caso, informar o agente que pintou a escadaria. A ênfase recai no produto e não no processo. O que importa é a cor do local descrito e não quem o pintou.

Em relação à preservação da face, não encontramos no *corpus* um exemplo para ilustrar a omissão do SP<sub>Ag</sub>. No entanto, na internet, encontramos uma notícia cuja manchete traz uma CAPP sem agente explícito:

(24) Egito começa a restaurar máscara **danificada** de Tutancâmon.

(Disponível em <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/10/egito-comeca-restaurar-mascara-danificada-de-tutancamon.html>> Acesso: 30 jun. 2018).

A matéria (24) falava sobre uma máscara egípcia muito antiga que havia sido danificada durante uma restauração. E não se revelam os causadores do acidente, embora houvesse uma comissão responsável pela obra, provavelmente porque um profissional não quer ter seu nome vinculado a um acidente nem quer acusar seus colegas de trabalho.

Explicamos sobre o não-uso do SP<sub>Ag</sub>, já quanto à inserção do SP<sub>Ag</sub> na construção, devemos considerar o fato de que o acréscimo desse termo adiciona um certo "peso" de processamento às duas construções, de modo que os informantes "evitam" recorrer a ele se não oferece alguma contribuição discursiva que justifique seu uso. Assim, quando o falante/escritor menciona o SP<sub>Ag</sub>, é porque há alguma pressão comunicativa subjacente para tal, ou seja, trata-se de uma informação pragmaticamente relevante no contexto enunciativo em que se dá (HAIMAN, 1983; GIVÓN, 2001). Vejamos as ocorrências (25) e (26), a seguir:

(25) [...] Há pouco tempo atrás dois barbaros assassinatos, o da atriz Daniela Perez e o da *menina* **que foi queimada pelos sequestradores** ressuscitou a polêmica da Pena de Morte." (p. 151).

No excerto (25), a menção ao termo agentivo *pelos sequestradores* se torna necessária para caracterizar o crime bárbaro, que é o sequestro seguido de tortura. E como o que está em discussão é a adoção (ou não) da pena de morte no Brasil, citar os responsáveis pela barbaridade cometida contra a menina é importante e conta como um elemento de estratégia argumentativa.

(26) [...] A correnteza do rio o levou para *uma gruta habitada por pingüins* (p. 149).

Já em (26), temos um trecho da narrativa recontada sobre o filme *Batman*, em que este combate o Pinguim. Nesse contexto, além do fato de o termo *habitada* induzir ao uso do complemento (*por pingüins*), em razão de o referente *gruta* estar indefinido, informa que os habitantes eram pinguins. Isso é crucial para esclarecer fatos da narrativa sobre a rivalidade entre Batman e o Pinguim e manter a coerência interna do relato.

Ainda na Tabela 1, vemos que a CAPP + SP<sub>Ag</sub>, de estrutura mais marcada e complexa, tem menor frequência em relação à forma reduzida da CRVP, isto é, sem o SP<sub>Ag</sub> (17,2% a menos). Em comparação com a CAPP + SP<sub>Ag</sub>, há uma proximidade, ambas com poucas ocorrências. No entanto, a diferença aumenta para 69,1%. Uma possível explicação para isso pode ser, primeiramente, o princípio da marcação: quanto mais complexa uma construção, mais marcada e menos frequente. Também, cabe lembrar que o SP<sub>Ag</sub> só é informado quando semântica e/ou pragmaticamente necessário no contexto discursivo. Além disso, reafirmamos que a CAPP focaliza uma cena estática, descrevendo, em geral, uma característica do referente, o que tende a inibir o uso do elemento agentivo.

Na Tabela 2, adiante, focalizamos os construtos verbais com base nos *types* de transitividade.

**Tabela 2** – Ocorrências conforme o *type* de transitividade

<b>Type de transitividade</b>	<b>CRVP + SP<sub>Ag</sub></b>	<b>CRVP</b>	<b>Total de CRVP</b>	<b>CAPP + SP<sub>Ag</sub></b>	<b>CAPP</b>	<b>Total de CAPP</b>
<b>Transitivo Direto</b> <b>102 (76,7%)</b>	03 (2,3%)	17 (12,8%)	<b>20 (15,0%)</b>	08 (6,0%)	74 (55,6%)	<b>82 (61,7%)</b>
<b>Ditransitivo</b> <b>11 (8,3%)</b>	-	07 (5,3%)	<b>07 (5,3%)</b>	-	04 (3,0%)	<b>04 (3,0%)</b>
<b>Transobjetivo</b> <b>07 (5,3%)</b>	-	01 (0,8%)	<b>01 (0,8%)</b>	-	06 (4,52%)	<b>06 (4,52%)</b>
<b>Intransitivo</b> <b>13 (9,8%)</b>	-	01 (0,75%)	<b>01 (0,8%)</b>	01 (0,8%)	11 (8,3%)	<b>12 (9,0%)</b>
<b>Total</b> <b>133 (100%)</b>	03 (2,3%)	26 (19,6%)	<b>29 (21,8%)</b>	09 (6,8%)	95 (71,4%)	<b>104 (78,2%)</b>

**Fonte:** elaborado pelo autor



Como já era esperado, a maioria das ocorrências, tanto de CRVP quanto de CAPP, denota um evento transitivo direto, em que um agente realiza uma ação sobre um paciente, como em (27), a seguir:

- (27) [...] é muito difícil ter assim dois meses... três meses de intervalo que num seja uma pessoa **seqüestrada**... (p. 114)

No caso, inferimos que um criminoso sequestra uma pessoa. O mesmo modelo se repete em outros 101 casos, o que representa significativos (76,7%), sendo a CAPP a grande maioria (82 ocorrências), frente às 20 da CRVP. A explicação para isso é que a voz passiva, em geral, está ligada a um evento transitivo em que o paciente é focalizado. É por isso que o uso de verbos transitivos diretos compõe a maioria das instanciações, tanto da CAPP quanto da CRVP.

Também percebemos 11 ocorrências de verbos ditransitivos<sup>14</sup>, do tipo [X CAUSAR Y RECEBER Z] (8,3%). Nesses casos, dois complementos verbais são exigidos, como no emprego dos verbos *dar* e *oferecer*, que exigem objetos diretos e indiretos, em (28) e (29):

- (28) [...] porque quando o homem descobre alguma coisa é porque Deus está ali na sua inteligência... no seu raciocínio... então seu trabalho... *tudo aquilo que lhe foi dado* como dom divino... porque ninguém é nada a troco de nada... (p. 23).

- (29) [...] A maioria dos filmes **que são oferecidos** são os famosos "enlatados" americanos onde a temática se desenvolve num misto de lutas violentas ou tramas macabras... (p.78).

Em (28), Deus (agente - X) dá ao homem (objeto indireto *lhe* - Y) o dom divino (objeto direto - Z). E em (29), as emissoras de televisão (inferidas pelo contexto do relato - agente - X) oferecem aos telespectadores (objeto indireto inferível - Y) filmes "enlatados" (objeto direto - Z).

Já em (30), abaixo, temos o verbo *aplicar*, que pede objeto direto (aqui na função de sujeito – *que / a substância*) e adjunto adverbial de lugar (*no coagulante*).

- (30) [...] nesses floculadores a substância **que é aplicada** no coagulante... ela vai:: na fase de coagulação... quer dizer... o coagulante... ela vai ajudar... a fórmula química (p. 89).

---

<sup>14</sup> São verbos ditransitivos aqueles que possuem dois complementos (objeto direto + objeto indireto; ou objeto direto + adjunto adverbial).

Como a quantidade de verbos ditransitivos é menor do que a dos transitivos diretos, sua incidência nas construções também é menor, o que representou um percentual tão baixo.

Também notamos construções transobjetivas, em que há um predicativo do objeto como complemento. É o que percebemos no exemplo (31), em que “de cristão” refere-se às “primeiras pessoas”.

(31) [...] na verdade tem alguma coisa errada aí... porque as primeiras pessoas **que foram chamadas** de cristão né... foi os cristãos primitivos (p. 138).

Esse tipo de construção é a menos frequente, em razão de seu uso restrito em algumas situações descritivas, o que totalizou apenas 5,3%.

Por último, encontramos ocorrências de construções que não denotam transitividade, embora alguns dos verbos usados sejam tradicionalmente transitivos. É o caso de (32):

(32) [...] Rodízios de pizza, chocolates, sorvetes com suspiros **coloridos** era uma grande pedida no Mercado Modelo no centro de Porto Alegre (p. 75).

O adjetivo *coloridos* é derivado do verbo *colorir*, mas não focaliza a ação de pintar, nessa frase, mas funciona como o resultado de um processo industrial que modificou os suspiros, sendo considerados *coloridos* aqueles que têm cor.

O resultado estatístico do *type* intransitivo foi 9,8%, maior do que os ditransitivos e transobjetivos. O fator que mais pesou para a elevação desse índice foi a CAPP, que, na maioria dos casos, classifica o SN com a demissão do agente, com o propósito de expressar o resultado de um processo e não um evento transitivo.

A partir da observação das ocorrências, concluímos que não é somente o verbo que determina a transitividade. Os *types* aqui citados nos ajudaram a perceber que uma mesma construção pode codificar significados diferentes e pode inclusive desviar-se do protótipo, como o verbo *colorir* sendo intransitivo, quando tradicionalmente é transitivo direto. O conteúdo semântico está, portanto, no todo da construção.

Na tabela a seguir, apresentamos os dados quantitativos referentes aos usos da CRVP e da CAPP considerando as modalidades da língua em que ocorrem, ou seja, fala e escrita.

**Tabela 3** – Modalidade das ocorrências (oral x escrita)

<b>Modalidade</b>	<b>CRVP + SP<sub>Ag</sub></b>	<b>CRVP</b>	<b>Total de CRVP</b>	<b>CAPP + SP<sub>Ag</sub></b>	<b>CAPP</b>	<b>Total de CAPP</b>	<b>Total</b>
<b>Oral</b>	02 (1,5%)	23 (17,3%)	<b>25 (18,8%)</b>	05 (3,8%)	56 (42,1%)	<b>61 (45,9%)</b>	<b>86 (65%)</b>
<b>Escrita</b>	01 (0,8%)	03 (2,3%)	<b>04 (3,0%)</b>	04 (3,0%)	39 (29,3%)	<b>43 (32,3%)</b>	<b>47 (35%)</b>
<b>Total</b>	03 (2,3%)	26 (19,5%)	<b>29 (21,8%)</b>	09 (6,8%)	95 (71,4%)	<b>104 (78,2%)</b>	<b>133 (100%)</b>

**Fonte:** elaborado pelo autor

Nessa Tabela, constatamos a predominância das ocorrências nos textos orais (86 casos, ou 65%) frente aos escritos (47 casos, ou 35%). Essa diferença se dá, em parte, em razão de o material oral ser bem maior em quantidade de palavras na comparação com o escrito. Diante disso, não podemos concluir que a preferência pelo uso de uma construção é, de fato, maior do que a da outra nas situações de fala.

Além disso, cabe assinalar que os registros escritos são retextualizações do que cada informante já havia produzido oralmente. Portanto, o volume de informação é mais restrito se comparado ao conteúdo informado nos textos orais, o que, consequentemente, pode ser um fator para o número mais baixo de ocorrências.

Considerando a presença do SP<sub>Ag</sub> na CRVP e na CAPP, verificamos maior tendência para o uso dessas construções sem o elemento agentivo, sendo que, na comparação entre oralidade e escrita, a primeira leva alguma vantagem: 79 casos (59,4%) na fala contra 42 (31,6%) na escrita. Provavelmente, isso acontece devido à espontaneidade dos informantes nas entrevistas e possibilidade de inferência sugerida, quando, numa conversa, ocultam-se alguns dados porque se espera que o outro preencha as “lacunas” informativas com base em certas pistas fornecidas no contexto comunicativo.

Fica em aberto a possibilidade de um estudo mais detalhado sobre a quantidade de palavras em cada modalidade e sua comparação equivalente ao total de ocorrências na fala e na escrita, de modo isolado.

Outro fator analisado é a frequência da CRVP e da CAPP em relação ao gênero textual. A finalidade é verificar a influência do gênero no uso dessas construções. Vejamos a Tabela 4.

**Tabela 4** – Gêneros textuais onde se encontram as ocorrências

Gênero textual	CRVP + (SP <sub>Ag</sub> )	CRVP	CAPP + (SP <sub>Ag</sub> )	CAPP	Total
Descrição de Local	01 (0,8%)	05 (3,8%)	01 (0,8%)	28 (21,1%)	35 (26,3%)
	06 (4,5%)		29 (21,8%)		
Relato de Procedimento	-	01 (0,8%)	-	28 (21,1%)	29 (21,8%)
	01 (0,8%)		28 (21,1%)		
Relato de Opinião	02 (1,5%)	11 (8,3%)	01 (0,8%)	15 (11,3%)	29 (21,8%)
	13 (9,8%)		16 (12,0%)		
Narrativa Recontada	-	06 (4,5%)	06 (4,5%)	14 (10,5%)	26 (19,5%)
	06 (4,5%)		20 (15,0%)		
Narrativa de Experiência Pessoal	-	03 (2,3%)	01 (0,8%)	10 (7,5%)	14 (10,6%)
	03 (2,3%)		11 (8,3%)		
Total	29 (21,8%)		104 (78,2%)		133 (100%)

Fonte: elaborado pelo autor

Para nossa surpresa, observamos que as ocorrências estão bem distribuídas entre todos os gêneros textuais que compõem o *corpus*, ainda que haja uma ligeira vantagem para as descrições de local (26,3%), apesar de esse gênero conter menos palavras do que os outros. Essa expressividade quantitativa se deve, majoritariamente, ao uso da CAPP, a qual representa 21,8% das instanciações nesse gênero. Esses resultados podem ser explicados pelo fato de que há maior tendência ao uso de adjetivos em descrições, decorrentes da necessidade de o informante apresentar características e estados de alguns referentes.

No caso dos relatos de procedimento, a alta incidência da CAPP parece estar associada à necessidade comunicativa de mostrar uma etapa concluída num processo, o que, em geral, demanda o recurso a adjetivos (21,1%).

Chama-nos a atenção o relativo equilíbrio entre os usos da CRVP e da CAPP nos relatos de opinião (9,8% da primeira e 12,0% da segunda). Contudo, não identificamos

nos dados uma explicação suficientemente plausível para esse equilíbrio. É possível que numa amostra de maior proporção, tal equilíbrio seja discutível.

Por isso, pensamos que o gênero textual não é muito determinante para motivar o uso da CAPP em detrimento da CRVP, e vice-versa, uma vez que ambas ocorreram em todos os gêneros, ainda que de uma forma reduzida na narrativa de experiência pessoal. Ainda assim, compreendemos que todos os gêneros contidos no *corpus* favorecem o uso das construções adjetivas, pois há descrição em todos os textos.

Na tabela a seguir, observamos os usos da CRVP e da CAPP considerando o grau de escolaridade dos informantes. A intenção é averiguar em que medida esse fator é ou não determinante nesses usos.

**Tabela 5** – Ocorrências conforme escolaridade dos informantes

Escolaridade	CRVP +SP <sub>Ag</sub>	CRVP	CAPP + SP <sub>Ag</sub>	CAPP	Total
Ensino Superior	01 (0,8%)	09 (6,7%)	05 (3,8%)	46 (34,6%)	<b>61 (45,9%)</b>
	<b>10 (7,5%)</b>		<b>51 (38,4%)</b>		
Ensino Médio	01 (0,8%)	11 (8,3%)	03 (2,3%)	17 (12,8%)	<b>32 (24,0%)</b>
	<b>12 (9,0%)</b>		<b>20 (15,0%)</b>		
Ensino Fund. 8ª Série	01 (0,8%)	04 (3,0%)	01 (0,8%)	30 (22,6%)	<b>36 (27,1%)</b>
	<b>05 (3,8%)</b>		<b>31 (23,3%)</b>		
Ensino Fundamental 4ª Série	-	02 (1,5%)	-	02 (1,5%)	<b>04 (3,0%)</b>
	<b>02 (1,5%)</b>		<b>02 (1,5%)</b>		
<b>Total</b>	<b>29 (21,8%)</b>		<b>104 (78,2%)</b>		<b>133 (100%)</b>

**Fonte:** elaborado pelo autor

Com base nesses dados, percebemos que o grau de escolaridade pode, sim, ser um fator a se considerar no uso da CRVP e da CAPP, uma vez que a quantidade de ocorrências nos textos de universitários é quase o dobro (45,9%) em relação à dos informantes de escolaridade inferior. Esse resultado pode, ainda, ser associado à faixa etária dos informantes, visto que, no *corpus*, o nível de escolaridade acompanha a faixa etária. A alta incidência dessas construções nos textos de universitários pode estar associada ao fato de essas estruturas construcionais serem mais complexas em termos de progressão discursiva e processamento textual.

Também percebemos que a CRVP e a CAPP são construções gradientes, que estão num contínuo de iconicidade e economia, sendo a CRVP estruturalmente mais

complexa e a CAPP a mais simples, ainda que a CAPP carregue consigo um conteúdo linguístico implícito, o SP<sub>Ag</sub>. Elas são aprendidas na interação verbal e levam em consideração o contexto discursivo em que estão inseridas. Fato é que a maioria das ocorrências encontradas no *corpus* foi produzida por adultos (estudantes de ensino superior), ao passo que não encontramos nenhuma ocorrência nos textos produzidos por estudantes de alfabetização (crianças de 6 e 7 anos). É possível que isso se deva ao fato de que estes últimos talvez não dominem ainda a estrutura complexa da CRVP, assim como podem não ter consciência linguística suficiente para perceber que um adjetivo como a CAPP pode servir para expressar passividade e descrever o resultado de um processo.

#### 4.2 Aspectos semântico-cognitivos da CRVP e da CAPP

Após a observação dos aspectos formais da CRVP e da CAPP, percebemos que elas possuem propriedades morfológicas e sintáticas em comum: podem ter a mesma base lexical (um verbo) e função equivalente (de modificador nominal). Por exemplo, em (33), no qual a parte em destaque poderia ser substituída pelo adjetivo *retirada*:

(33) [...] A **comida que foi retirada** das mochilas, juntaram tudo e foi dividida para todos (p. 148).

Vistas as similaridades morfossintáticas, pode-se dizer que as duas construções são equivalentes. No entanto, ao observarmos os contextos de uso de cada uma, verificamos que há motivações semânticas, pragmáticas ou mesmo de convencionalização de determinadas estruturas que levam o falante/escrevente a optar por uma em detrimento da outra (BISPO; SILVA, 2017).

Ainda sobre a amostra (33): quando usamos a forma oracional para fazer referência à comida, estamos dando ênfase à ação de subtrair o alimento das mochilas dos jovens por parte dos organizadores do acampamento evangélico ao qual o informante se refere. E somente a oração relativa não é suficiente para conferir-nos todas essas informações.

Há intenção em marcar a retirada da comida como algo negativo para o enunciador. Pretende-se desviar a atenção do leitor, do conteúdo para a ação realizada. Isso só é observável pelo contexto.

Caso o informante tivesse usado somente o adjetivo, estaria diminuindo a importância da ação (retirar), para enfatizar somente o produto (a comida). Inclusive, como agente, cada jovem poderia ter retirado e entregue o alimento de sua própria mochila, sem intervenção dos organizadores do evento. Entretanto, da forma como se expressou, não se percebe agentividade, mas passividade.

Vejam os exemplos (34). Nele, o adjetivo enfatiza a qualidade do indivíduo, como aquele que gosta de chamar a atenção para si.

(34) [...] Chico Malazarte, apesar de pobre, era metido a bacana; *um pobre exibido*, melhor dizendo (p. 75).

O adjetivo serve como um modificador restritivo, diferenciando o seu referente (um pobre – Chico Malazarte) de outros, como *um pobre feliz, envergonhado ou limpinho*, por exemplo. Ao tentar substituí-lo por uma oração relativa, teríamos mudança de sentido. Em *um pobre que foi exibido*, o pobre deixa de ser ativo (no sentido de "ter vontade de agir") para ser submisso a outro que detém o controle da ação de mostrar, como um manequim numa vitrine.

No caso (35), a seguir, as duas construções – CAPP e CRVP – seriam aceitáveis, uma vez que apresentam equivalência sintática (adjuntos adnominais modificadores do N precedente). Todavia, do ponto de vista semântico-pragmático, não há correspondência entre ambas, pois, ao utilizar o adjetivo deverbal, o que se quer focalizar parece ser o produto, e não o processo.

(35) [...] Coloco os *legumes ralados* na panela com a cebola e o *alho dourado* (p. 26).

As duas palavras em negrito são derivadas de verbos (*ralar* e *dourar*), no intento de caracterizar os SN aos quais elas se referem, *os legumes* e *o alho*, respectivamente. Ambas são formadas pela sintetização da construção passiva [que + verbo auxiliar + verbo principal no particípio passado (+ agente da passiva)], ocultando-se o pronome relativo *que* e o verbo auxiliar. O agente não é recuperável pelo contexto, porque não é possível dizer quem ralou os legumes e dourou o alho. Pode ter sido o próprio enunciador, qualquer outra pessoa ou até mesmo uma máquina. Quanto à sua relevância, podemos dizer que é baixa, desnecessária em relação ao tópico discursivo, que é a preparação de

uma receita culinária na qual os legumes e o alho são apenas ingredientes. Isso motiva o uso da forma mais econômica, o adjetivo.

Desse modo, vemos que a CRVP é empregada para realçar a ação que foi realizada por alguém e destituir o tópico anterior (o referente). Em contrapartida, a CAPP mantém o tópico anterior, dando-lhe atributo restritivo. Portanto, a troca de um pelo outro pode ocasionar mudança semântica e é possível gerar um equívoco de interpretação. Vejamos o exemplo (36). O trecho é parte de um relato de opinião cujo tópico discursivo é a pena de morte no Brasil. Após ser indagado, o informante cita dois crimes para refutar a ideia sugerida.

- (36) [...] eu acho que não... há pouco tempo... há pouco tempo atrás houve dois casos que... fez com que ressuscitasse a polêmica da pena de morte no Brasil... foi o assassinato da Dan/da atriz Daniela Perez e de *uma menina que foi seqüestrada* e depois *queimada*... as pessoas... pela emoção... achavam que deveria ser implantado a pena de morte... (p. 147).

No início da fala, o entrevistado já muda o tópico discursivo, ao usar o marcador temporal *há pouco tempo*. Começa a falar de casos de assassinatos. Ele cita o de uma atriz famosa e o de uma menina anônima. Uma vez que o segundo referente possa ser de difícil acesso cognitivo ao entrevistador, em virtude do uso do termo genérico *menina*, é introduzido mais material linguístico para explicá-lo.

A CRVP é usada aqui para desviar a atenção, do tópico discursivo (casos de assassinatos) para a vítima desconhecida (novo tópico). E o falante não descreve a pessoa, mas o modo dos crimes que ela sofreu (sequestro e queima), o que, inclusive, poderia ser gerador de uma mudança radical no conteúdo do relato, o que não aconteceu devido à não-intervenção do entrevistador e ao tempo de fala disponível do entrevistado.

Se no lugar da CRVP, fosse usada uma CAPP (*uma menina **sequestrada e queimada***), se entenderia que o referente *menina* já era conhecido pelo interlocutor, e, por isso, foi usado menos material. E também que não se focalizou o processo do crime, mas o seu resultado.



### 4.3 Motivações discursivo-pragmáticas para a CRVP e a CAPP

Nesta seção descreveremos os aspectos discursivo-pragmáticos para o uso da CRVP e a da CAPP. Abordaremos a informatividade, os movimentos de retrospecção e prospecção, a perspectivização e a oposição entre objetividade e intersubjetividade.

#### 4.3.1 Informatividade

A informatividade tem a ver com grau de novidade apresentada pela construção para formar os sentidos do texto. Por exemplo, se uma informação aparece pela primeira vez num texto, ela é considerada *nova*, como em (37):

(37) [...] pastel é uma espécie de... de lápis de cera **refinado**" (p. 62).

Aqui o entrevistado descreve processos de pintura e detalha um de seus materiais de trabalho, o pastel. Na descrição, o distingue de outros lápis de cera, comuns, pois o seu passou por um processo de refino (metaforicamente entendido como *requinte*) e é apropriado para obras especiais, que exigem um manejo sutil. Logo, a informação codificada pela CAPP é nova.

Quando ela se repete, mesmo com uma nova forma, anaforicamente, é considerada *velha*. É o que acontece em (38). Antes do trecho transcrito, porém, o entrevistado fala do mistério da ressurreição dos seres enterrados no cemitério descrito.

(38) [...] aí os indígenas expulsavam... os espírito do... do... dos indígena lá... expulsava as pessoas que... **que eram enterradas ali** né (p. 7).

Como já se havia comentado sobre as pessoas enterradas, a construção em destaque não aponta para um dado novo. Não obstante, era necessário citá-lo para não confundir o ouvinte sobre quem era expulso do cemitério, se os mortos ou os vivos que por ali poderiam passar.

Por último, quando é uma informação dispensável pelo contexto, em virtude de ser depreendida pelo leitor/ouvinte, é chamada *inferível*, tal como (39):

(39) [...] esses presídios deviam ser agrícolas ou industriais, para que estes presos produzissem para compensar os *crimes bárbaros* **que foram cometidos** (p. 101)

Em (39), a oração em negrito poderia ter sido suprimida, por razões pragmáticas, já que, em geral, uma pessoa só é presa por haver cometido um crime. Sendo redundante, portanto, a CRVP. No entanto, ela foi usada para dar peso argumentativo ao que se defende. Ao usar a passiva, se enfatizam as ações criminosas, para convencer o ouvinte de que os presos necessitariam trabalhar para pagar por seus crimes.

Para compreender melhor os usos de cada construção, observamos os contextos de produção de cada ocorrência de CRVP e CAPP e chegamos ao resultado descrito na Tabela 6, a seguir.

**Tabela 6** – Grau de informatividade das construções

Informação	CRVP + SP <sub>Ag</sub>	CRVP	CAPP + SP <sub>Ag</sub>	CAPP	Total
Nova	01 (0,8%)	07 (5,3%)	05 (3,8%)	45 (33,8%)	<b>58 (43,6%)</b>
	<b>08 (6,0%)</b>		<b>50 (37,6%)</b>		
Inferível	02 (1,5%)	10 (7,5%)	01 (0,8%)	31 (23,3%)	<b>44 (33,1%)</b>
	<b>12 (9,0%)</b>		<b>32 (24,1%)</b>		
Velha	-	09 (6,8%)	03 (2,3%)	19 (14,3%)	<b>31 (23,3%)</b>
	<b>09 (6,8%)</b>		<b>22 (16,5%)</b>		
Total	<b>29 (21,8%)</b>		<b>104 (78,2%)</b>		<b>133 (100%)</b>

Fonte: elaborado pelo autor

A CRVP apresentou um percentual maior de informações inferíveis (9,0%) frente às velhas (6,8%) e às novas (6,0%), ainda que essa diferença seja pequena. Seu uso se deve à necessidade comunicativa de ressaltar uma informação implícita, como vimos em (39) - *presos cometeram crimes* – contando com a ajuda do interlocutor para realizar inferência pragmática e preencher as lacunas, como no complemento agente *pelos presos*.

No entanto, é válido ressaltar que nenhum referente velho teve agente explícito, no caso das CRVP. Isso mostra o quão previsível é a construção, já que foi citada anteriormente no texto. É o que vimos em (38).

Já a CAPP aparece com um número considerável de informações novas (50), o que equivale a 37,6%. Valor bem superior ao das inferíveis (24,1%) e das velhas (16,5%). Na maioria dos casos, o adjetivo apresenta o resultado de um processo ocorrido com o SN antecedente, como vimos em (37).

Portanto, parece que a CRVP tem um uso voltado para a ênfase de informações inferíveis, enquanto a CAPP destaca traços específicos dos SN antecedentes, diferenciando-os com informações novas.

#### 4.3.1.1 *Retrospecção*

Outro aspecto a se destacar sobre a informatividade das construções está relacionado com sua capacidade de retrospecção ou prospecção. A primeira acontece quando o modificador realça o antecedente, voltando-se a ele com um dado velho, ou seja, há manutenção do tópico. É o que acontece com a CAPP, no excerto (40), a seguir:

(40) [...] e esse balcão é furado embaixo onde guarda as panelas [...] em cima da pia tem o filtro e embaixo assim... que é o... o **balcão furado** (p. 175).

Na descrição de uma casa em (40), o informante cita um balcão de cozinha e suas características. Após falar sobre outras partes da cozinha, volta a citá-lo. Dessa vez, retoma o adjetivo *furado*, que já havia sido mencionado como um predicativo do sujeito. Assim, a CAPP destacada retoma a descrição do tópico, mantendo-a viva na mente do ouvinte.

Nos dados encontrados no *corpus*, em geral, a CAPP favorecia a continuidade do tópico discursivo, acrescentando-se um dado novo, um atributo. Por isso, dizemos que a CAPP é usada mais para retomar um referente antigo, ainda que encontremos exemplos de alguns que também apontam para a mudança de tópico.

#### 4.3.1.2 *Prospecção*

A prospecção, por outro lado, acontece quando o tópico é destituído, ou seja, a ênfase sai do SN para o modificador, que apresenta informação nova. Como exemplo, citamos (41):

(41) [...] teve a noite **onde foi escolhido o grupo de cinco pessoas mais ou menos...** que durava uma hora (p. 142).

Em (41), o SN *a noite* é citado como o cenário para a realização da ação (escolha do grupo). A CRVP, nesse caso, passa a ser o tópico da oração, que apresenta maior relevância discursiva do que o dêitico temporal, retomado pelo pronome relativo *onde*. A oração relativa seguinte (*que durava uma hora*) refere-se ao tempo de escolha do grupo, embora sua concordância tenha sido estabelecida com o antecedente *a noite*.

Desse modo, podemos dizer que a CRVP parece apontar para a mudança do tópico, embora essa mudança somente enfatize a própria oração ou a seguinte. Há uma pequena intervenção na sequência da fala ou escrita que pode levar a uma total mudança de foco, num ambiente de maior interação, como nas redes sociais. Entretanto, não podemos apontar dados mais precisos em virtude do *corpus* escolhido para a pesquisa, em que as entrevistas foram monitoradas.

Fica, portanto, o gatilho para pesquisas futuras quanto à prospecção e retrospecção, já que nossos dados são escassos para afirmar categoricamente qual dos mecanismos atua com mais força nas construções aqui analisadas. Não obstante, notamos sua presença nas instanciações oracionais e adjetivais aqui analisadas de forma numericamente semelhante.

#### 4.3.2 Perspectivização

A perspectivização diz respeito ao processo cognitivo e comunicativo como determinada cena enunciativa é apresentada pelo falante/escrivente para seu interlocutor. Pode ter o foco no objeto, com uma função mais referencial, objetiva, ou naquele que produz o texto, ou seja, ter uma função mais expressiva, subjetiva.

Assim, voltando-nos às construções sob nossa análise, percebemos que a CAPP tende à objetividade, enquanto a CRVP tende à intersubjetividade, ainda que haja exceções, como demonstramos adiante.

Além do mais, vemos que uma tende ao maior detalhamento do SN antecedente (a CRVP), pois apresenta um processo em que o referente está envolvido, como em *aquela pessoa que foi morta*. Aqui não basta dizer que a pessoa morreu; é necessário

dizer que ela foi vítima de assassinato. Somente a CAPP *morta* não seria capaz de expressar tudo o que a CRVP expressou. A troca poderia, inclusive, expressar um valor metafórico, de alguém de baixo poder de reação frente aos desafios. Seria uma pessoa apática, desanimada.

Portanto, vemos que o adjetivo *morta* expressa menor detalhamento do que a forma oracional *que foi morta* em virtude da menor quantidade de material linguístico empregado, conforme o subprincípio icônico da quantidade.

#### 4.3.2.1 Objetividade

Pelo que constatamos no *corpus*, quase todas as ocorrências da CRVP e da CAPP relacionam-se à objetividade, ou seja, descrevem propriedades/características referenciais vinculadas à concretude. Isso porque tais propriedades/características têm a ver com eventos ou situações observáveis.

As amostras abaixo ilustram esse fenômeno.

(42) [...] uma peça **que foi apresentada** à noite... (p. 127).

(43) [...] rádio **ligado** tocava uma canção de Guilherme Arantes... (p. 74).

Segundo evidenciam esses dados, tanto (42) – *que foi apresentada* – como (43) – *ligado* – exprimem conteúdos cujo valor de verdade pode ser aferido objetivamente, isto é, por meio de verificação direta. Nesse sentido, não se trata de abstrações resultantes de impressões pessoais dos locutores, mas de um ocorrido (42) e de um estado de coisas (43) existentes. Assim, vemos que as duas construções são semelhantes quanto à objetividade.

#### 4.3.2.2 Subjetividade

A CRVP e a CAPP de natureza subjetiva designam condições ou valores cujas bases são a visão e/ou as emoções particulares dos falantes/escreventes sobre os referenciadores aos quais se aplicam. Vejamos as seguintes amostras:

(44) [...] tem uma moça **que é muito avançada**... (p. 169).

(45) [...] esse posto de sobrevivência **encantado** fica na Via Costeira... (p. 51).

Em (44), o construto *que é muito avançada* sinaliza a avaliação do falante sobre a *moça*. Do mesmo modo, em (45), *encantado* indicia uma impressão particular sobre o *posto de sobrevivência*. Ambos os casos de adjetivação representam, portanto, marcas de subjetividade que se aplicam sobre os referenciadores a que se associam

#### 4.3.2.3 Intersubjetividade

O uso da CRVP ou da CAPP de valor intersubjetivo tem mais a ver com a orientação argumentativa que o locutor deseja imprimir à sua informação, com o fim de impactar o interlocutor e, assim, conquistar a adesão deste. As amostras que seguem podem exemplificar isso.

(46) [...] o da menina **que foi queimada pelos sequestradores**... (p. 151).

(47) [...] num vai arriscar a cabeça... só pra pertencer a essa seleção **bagunçada** aí... se o interesse dele é em dinheiro ele... já tá com bom... um contrato bom lá e num vai... se preocupar mais com a seleção brasileira... (p. 12).

Nesses casos, ao utilizar a CRVP *que foi queimada pelos sequestradores*, a locutora não pretende tão somente restringir o significado referenciador *menina* ou expressar uma condição fatural sobre esta. Além disso, deseja, sobretudo, chamar a atenção do interlocutor para o ato monstruoso de que a menina foi vítima, na tentativa de conferir reforço argumentativo à sua opinião favorável a penas severas para crimes hediondos. De igual maneira, com o uso da CAPP *bagunçada* (47), o locutor procura associar o mau desempenho da seleção brasileira de futebol à interferência do capital estrangeiro, argumentando que tal interferência tem prejudicado a articulação entre os jogadores, resultando na atuação medíocre do time. Dada essa negociação de um ponto de vista entre os parceiros de interação por meio, inclusive, de recursos como esses, podemos dizer que tanto a CRVP quanto a CAPP podem, também, desempenhar função intersubjetiva.

Cabe assinalar, por fim, que os fenômenos objetividade, subjetividade e intersubjetividade expressos por essas construções podem ser associados à

perspectivização. Isso se justifica pelo fato de, a depender do caso – isto é, se a CRVP ou a CAPP exprimem conteúdos direta ou indiretamente objetivos/subjetivos/intersubjetivos –, elas representam o viés escolhido pelo locutor para focalizar a informação, projetando-a sob certa perspectiva pela qual deve ser vista.

Para encerrar esta seção, fazemos uma retrospectiva do que fizemos na análise. Vimos que a forma da CAPP se difere da CRVP, mas que seus usos se assemelham em muitos casos. Percebemos que há uma relação de herança por subparte, e esta colabora para se manter o SP<sub>Ag</sub> com os adjetivos, que perderam traços de passividade.

Notamos também que os dados quantitativos contribuíram para vermos que ambas as construções são encontradas tanto no meio oral quanto no escrito, aparecem em todos os gêneros, expressam transitividades variadas, mas que, ainda assim, não podem ser substituídas indiscriminadamente.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim deste trabalho, voltamos às questões de pesquisa para verificar se conseguimos respondê-las satisfatoriamente, começando com a configuração formal.

Vimos que a CRVP é uma estrutura oracional composta por um pronome relativo, seguido de uma construção passiva (um verbo auxiliar, verbo principal no particípio passado e um sintagma preposicional agentivo opcional). Vimos que a CRVP é composta pela junção de duas construções, a relativa/adjetiva e a voz passiva, que pode ser formalizada pelo esquema:  $[[Pr_{Rel}] [SV_{Pass}] ([SP_{Ag})]]_{CRVP}$ .

Já a CAPP é composta, prototipicamente, por um adjetivo derivado de verbo no particípio passado. Representa um sintagma adjetival modificador ou predicativo de um SN, do mesmo modo que a CRVP, funcionando como adjunto adnominal. Seu esquema pode ser representado por  $[[Adj_{PP}] ([SP_{Ag})]]_{CAPP}$ .

Em relação à frequência de uso, confirmamos nossa hipótese de que a CAPP é mais frequente do que a CRVP, conforme apontaram quantitativamente os dados, pelo fato de esta ser mais econômica, o que parece favorecer o processamento da informação por parte do falante e do ouvinte.

Quanto à estrutura argumental, confirmamos a hipótese de que os verbos transitivos diretos comporiam a maior parte das construções passivas, configuradas como protótipo. Mas também encontramos verbos ditransitivos, transobjetivos e intransitivos, o que indica que existe um *continuum* de maior ou menor transitividade na distribuição das ocorrências.

Sobre as relações de herança, descobrimos ser a CAPP uma categoria híbrida, com a forma de particípio, mas sem a transitividade prototípica. Percebemos uma herança por subparte, em que a CAPP representa parte da CRVP, mas possui suas funções próprias, inclusive, distinguindo-se em aspectos funcionais.

Em relação às motivações semântico-cognitivas, percebemos que a CRVP é empregada para realçar a ação que foi realizada por alguém e tirar a ênfase do antecedente. Em contrapartida, a CAPP mantém o tópico anterior, dando-lhe atributo restritivo.



Sobre as motivações discursivo-pragmáticas, concluímos que a CRVP codifica tanto informações inferíveis quanto velhas e novas, ao passo que a CAPP, em geral, codifica informações novas. Também vimos que a oração relativa tende ao maior detalhamento do SN antecedente, enquanto o adjetivo traz menos detalhes do SN, sendo este mais econômico do que aquela.

Por fim, constatamos que a CRVP e a CAPP atuam na manifestação de objetividade, subjetividade ou intersubjetividade. A manifestação desses fenômenos está vinculada à natureza do conteúdo expresso por tais construções: se relacionado à concretude observável, ao mundo interior do falante/escritor ou à tentativa de impressionar/convencer o interlocutor. No tocante a isso, defendemos, ainda, que esses fenômenos têm a ver com a perspectiva que o locutor deseja atribuir à informação dada, levando o interlocutor a “vê-la” a partir de uma determinada ótica.

São, portanto, os fatores contexto de uso (não me refiro aqui ao gênero textual, mas à necessidade comunicativa) e intencionalidade que determinam o uso de uma estrutura mais icônica (CRVP) ou econômica (a CAPP), pois ambas tiveram ocorrências semelhantes em todos os aspectos.

Fica aqui uma possibilidade de aprofundamento da análise para um momento futuro, em que inclua uma investigação em um *corpus* atual, na produção de textos de estudantes de ensino fundamental e médio, tal como sua busca em textos literários ou jornalísticos.

Ademais, é possível tratar das orações subordinadas adjetivas na educação básica de outra maneira, depois de realizar esta investigação em nível de mestrado. Em vez de mostrar o conteúdo gramatical de maneira engessada, podemos mostrar aos estudantes que a língua é viva e possui muitas formas distintas e que elas são usadas com necessidades comunicativas diferentes.

## REFERÊNCIAS

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. ver., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BISPO, E. B. *Estratégias de relativização no português brasileiro e implicações para o ensino: o caso das cortadoras*. Tese de doutorado. Natal: UFRN, 2009.
- \_\_\_\_\_.; SILVA, J. R. Análise Linguística em perspectiva funcional. In: OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M. (Orgs.). *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. Niterói, RJ: EDUFF, 2017, p. 91-112.
- BOOIJ, G. Construction morphology. *Language and linguistics compass*, v. 4, n. 7, 2010, p. 543-555.
- BYBEE, J. L. *Frequency of use and the organization of language*. New York: OUP, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Língua, uso e cognição*. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha; rev. Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, [2010] 2016.
- CAMACHO, R. G. Construções passivas e impessoais: distinções funcionais. *Alfa*. São Paulo, v. 44, 2000, p. 215-233.
- CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
- DECAT, M. B. N. Orações relativas apositivas: SNs 'soltos' como estratégia de focalização e argumentação. *Veredas*. Rev. Est. Ling., Juiz de Fora, v. 8,, n. 1. e n. 2, p. 79-101, jan./dez. 2004.
- DU BOIS, J. W. Competing motivations. In: HAIMAN, J. *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985. p.342-365.
- FILLMORE, C. The mechanisms of "Construction Grammar". *Proceeding of the Fourteenth Annual Meeting of the Berkley Linguistics Society* (1988), pp. 35-55.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. *A passiva no discurso*. Tese de doutorado em Linguística. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 1989 (mimeo.).
- \_\_\_\_\_. *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 1998.

\_\_\_\_\_.; BISPO, E. B. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da Linguística Funcional Centrada no Uso. *Revista do GELNE*, v. 15, n. 1/2, p. 49-74, 2013.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. 1. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1984.

\_\_\_\_\_. *Syntax: an introduction*. v. 2, rev. ed. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GOLDBERG, A. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

\_\_\_\_\_. Constructions: a new theoretical approach to language. In: *TRENDS in Cognitive Sciences*, v. 7, n. 5, p. 219-224, 2003.

\_\_\_\_\_. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, C. A. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.

GRIJELMO, À. *La gramática descomplicada*. 8. ed. Madrid: Taurus, 2010.

HAIMAN, J. Iconic and economic motivation. In: *Language*, v. 59, n. 4, p. 781-819, 1983.

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticization: opposite or orthogonal? In: BISANG, W. et al. (Eds.). *What makes grammaticalization?: a look from its fringes and its components*. Walter de Gruyter, 2004, p. 21-42.

HOPPER, Paul. 1987. Emergent grammar. *Berkeley Linguistics Society*. 13: 139-157.

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse. In: *Language*, v. 56, n. 2, p. 251-299, 1980.

HUDSON, R. Mismatches in default inheritance. In: FRANCIS, E.; MICHAELIS, L. (Eds.). *Linguistic mismatch: scope and theory*. Stanford: CSLI, 2003b, p. 269-317.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. W. *Cognitive grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

LEVINSON, S. C. *Pragmatics*. Cambridge/New York: CUP, [1983] 2008.

LIBERATO, Y. G. A estrutura interna do SN em português. In: DECAT, M. B. N. *et al.* (Orgs.). *Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista*. Campinas: Mercado de Letras, 2001, p. 41-101. (Col. Ideias sobre Linguagem).

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_.; KENEDY, E. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2015, p. 11-20.

PERINI, M. *Gramática descritiva do português*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.

\_\_\_\_\_. Os dois participípios e a análise da construção passiva no português brasileiro. In: FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.). *A gramática da oração: diferentes olhares*. Natal: EDUFRN, 2015, p. 43-67.

POPPER, K. S. *A lógica da pesquisa científica*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

RADDEN, G.; PANTHER, K. *Reflections on motivation*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2011.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

RODRIGUES, D.; MELO, M.; MONTEIRO, L. Paradigmas quantitativo e qualitativo no cotidiano da investigação. *Interfaces Científicas: Humanas e Sociais*, v. 2, n. 1, Aracaju/SE: UFS, p. 9-16, out. 2013. Disponível em: [www.periodicos.set.edu.br](http://www.periodicos.set.edu.br).

SAUSSURE, F. de. Curso de Linguística Geral. Org. C. Bally e A. Sechehaye. Trad. A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, [1916] 2006.

SHIBATANI, M. Passives and related constructions. *Language* (Baltimore), v. 61, n. 4, p. 821-848, 1985.

TOMASELLO, M. *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

TRAUGOTT, E. C. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K. et al. (eds.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2010, p. 29-74. (Topics in English Linguistics, 66).

\_\_\_\_\_.; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

\_\_\_\_\_.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 2013.

## ANEXOS

### Ocorrências do Corpus D&G/Natal (1998)

#### CRVP + SP<sub>Ag</sub>

1. "é um bosque **que foi violado por... por ser humano**" (p. 50, informante 4 de ensino superior, Descrição de Local, oral);
2. "jovens [...] **que foram transformados por Jesus**" (p. 136, informante 4 de ensino médio, Relato de Opinião, oral);
3. "o da menina **que foi queimada pelos sequestradores**" (p. 151, informante 2 da oitava série, Relato de Opinião, escrito);

#### CRVP

1. "depois disso... teve a noite **onde foi escolhido o grupo de cinco pessoas mais ou menos**" (p. 142, informante 1 da oitava série, Narrativa de Experiência Pessoal, oral);
2. "expulsava as pessoas **que eram enterradas** ali" (p. 7, informante 1 de ensino superior, Narrativa Recontada, oral);
3. "todo mundo **que era enterrado** ali" (p. 7, informante 1 de ensino superior, Narrativa Recontada, oral);
4. "a amiga chega... a que tava lá embaixo... **que foi... foi... espantada**" (p. 18, informante 2 de ensino superior, Narrativa de Experiência Pessoal, oral);
5. "já a escadaria... **que foi pintada posterior à armação da cozinha...** ela foi pintada de uma cor... de um amarelo quase bege" (p. 20, informante 2 de ensino superior, Descrição de Local, oral);
6. "tudo aquilo **que lhe foi dado** como dom divino [por Deus]" (p. 23, informante 2 de ensino superior, Relato de Opinião, oral);
7. "Pedro era uma homem pobre [...] **que foi convidado** para um jantar" (p. 47, informante 4 de ensino superior, Narrativa Recontada, oral);
8. "a maioria dos filmes **que são oferecidos**" (p. 78, informante 4 de ensino superior, Relato de Opinião, escrito);
9. "essas duas coisas **que foram colocadas** no livro" (p. 84, informante 1 de ensino médio, Narrativa Recontada, oral);

10. "a sala de aula **que foi transformada** em quarto" (p. 87, informante 1 de ensino médio, Descrição de Local, oral);
11. "nesses floculadores a substância **que é aplicada** no coagulante" (p. 89, informante 1 de ensino médio, Relato de Procedimento, oral);
12. "eles... tem um professor que... que... **que é formado**" (p. 97, informante 2 de ensino médio, Narrativa Recontada, oral);
13. "aquela pessoa **que foi morta**" (p. 99, informante 2 de ensino médio, Relato de Opinião, oral);
14. "os crimes bárbaros **que foram cometidos**" (p. 101, informante 2 de ensino médio, Relato de Opinião, escrito);
15. "uma pessoa **que foi seqüestrada**" (p. 114, informante 3 de ensino médio, Relato de Opinião, oral);
16. "os familiares dessas pessoas **que foram assassinadas**" (p. 119, informante 3 de ensino médio, Relato de Opinião, oral);
17. "uma peça **que foi apresentada** à noite" (p. 127, informante 4 de ensino médio, Narrativa de Experiência Pessoal, oral);
18. "é um banheiro grande... **que é dividido**" (p. 133, informante 4 de ensino médio, Descrição de Local, oral);
19. "as primeiras pessoas **que foram chamadas** de cristão" (p. 138, informante 4 de ensino médio, Relato de Opinião, oral);
- 20/21. "uma menina **que foi seqüestrada** e depois **queimada**" (p. 147, informante 1 da oitava série do ensino fundamental, Relato de Opinião, oral);
22. "bilhões [...] de dinheiro **que foi tirado** da população" (p. 147, informante 1 da oitava série do ensino fundamental, Relato de Opinião, oral);
23. "A comida **que foi retirada** das mochilas" (p. 148, informante 1 da oitava série do ensino fundamental, Narrativa de Experiência Pessoal, escrita);
24. "tem uma moça **que é muito avançada**" (p. 169, informante 3 da oitava série do ensino fundamental, Relato de Opinião, oral);
25. "as salas são divididas [...] tem um local só para diretoria **que é separada**" (p. 186, informante 1 da quarta série do ensino fundamental, Descrição de Local, oral);
26. "tem uma piscina lá [...] só **que é separada**" (p. 186, informante 1 da quarta série do ensino fundamental, Descrição de Local, oral);

### CAPP + SP<sub>Ag</sub>

1. "ele era o cara tão **odiado pela família**" (p. 19, informante 2 do ensino superior, Narrativa Recontada, oral);
2. "quem era o cara **procurado pela polícia**" (p. 19, informante 2 do ensino superior, Narrativa Recontada, oral);
3. "tem caminhos já **delimitados pelos próprio andarilhos ali das dunas**" (p. 53, informante 4 do ensino superior, Descrição de Local, oral);
4. "Você decide, também **exibido pela Rede Globo**" (p. 79, informante 4 do ensino superior, Relato de Opinião, escrito);
5. "um congresso de jovens **organizado pela diretoria da jubaleste**" (p. 93, informante 1 do ensino médio, Narrativa de Experiência Pessoal, escrita);
6. "uma pessoa [...] super procurada né...**muito procurado pela polícia**" (p. 130, informante 4 do ensino médio, Narrativa Recontada, oral);
- 7/8. "um traficante muito **procurado e conhecido pela polícia**" (p. 140, informante 4 do ensino médio, Narrativa Recontada, escrita);
9. "uma gruta **habitada por pingüins**" (p. 149, informante 1 da oitava série, Narrativa Recontada, escrita);

### CAPP

1. "um rosto muito **estragado**" (p. 5, informante 1 do ensino superior, Narrativa Recontada, oral);
2. "essa seleção **bagunçada**" (p. 12, informante 1 do ensino superior, Relato de Opinião, oral);
3. "um cemitério **abandonado**" (p. 14, informante 1 do ensino superior, Narrativa Recontada, escrita);
4. "um filme [...] **chamado** o décimo homem" (p. 18, informante 2 do ensino superior, Narrativa Recontada, oral);
- 5/6. "com esse cerco **fechado**... o que aconteceu... eles começaram a discutir... né... e aí a menina descobriu quem era ele... a menina descobriu quem era o cara **procurado pela polícia**" (p. 19, informante 2 do ensino superior, Narrativa Recontada, oral);
7. "duas redes **armadas**" (p. 20, informante 2 do ensino superior, Descrição de Local, oral);



8. "no dia **determinado**" (p. 25, informante 2 do ensino superior, Narrativa Recontada, escrita);
9. "Coloco os legumes **ralados** na panela" (p. 26, informante 2 do ensino superior, Relato de Procedimento, escrito);
10. "o alho **dourado**" (p. 26, informante 2 do ensino superior, Relato de Procedimento, escrito);
11. "coloco num prato **forrado** com alfaces frescas [...]" (p. 26, informante 2 do ensino superior, Relato de Procedimento, escrito);
12. "coloco açúcar **peneirado**" (p. 32, informante 3 do ensino superior, Relato de Procedimento, oral);
13. "a zona mais **afetada** é o sertão do Nordeste" (p. 37, informante 3 do ensino superior, Relato de Opinião, escrito);
14. "Coloca o trigo já **peneirado**" (p. 37, informante 3 do ensino superior, Relato de Procedimento, escrito);
15. "Coloca-se o fermento **desmanchado** no leite" (p. 37, informante 3 do ensino superior, Relato de Procedimento, escrito);
16. "coloque o chocolate **derretido**" (p. 37, informante 3 do ensino superior, Relato de Procedimento, escrito);
17. "bolos **confeitados**" (p. 42, informante 4 do ensino superior, Narrativa de Experiência Pessoal, oral);
- 18/19. "aqueles pratos finíssimos de lagostas [...] **enroladas... empanadas**" (p. 47, informante 4 do ensino superior, Narrativa Recontada, oral);
20. "uma casa **tombada**" (p. 48, informante 4 do ensino superior, Narrativa Recontada, oral);
21. "dados naturais assim... **colhidos** in loco" (p. 50, informante 4 do ensino superior, Descrição de Local, oral);
22. "o lado mais **preservado** da Via Costeira" (p. 51, informante 4 do ensino superior, Descrição de Local, oral);
23. "tonalidades de amarelo e... e terra siena **queimada**" (p. 51, informante 4 do ensino superior, Descrição de Local, oral);
24. "esse posto de sobrevivência **encantado** fica na Via Costeira" (p. 51, informante 4 do ensino superior, Descrição de Local, oral);

25. "cheiro de terra **molhada**" (p. 52, informante 4 do ensino superior, Descrição de Local, oral);
26. "tem o quadro **dimensionado**" (p. 60, informante 4 do ensino superior, Relato de Procedimento, oral);
27. "uma cera **importada**" (p. 62, informante 4 do ensino superior, Relato de Procedimento, oral);
28. "eu noto um pontinho de mosca no quadro... então vou lá com cotonete e com água e dou uma limpada... o cotonete **embebido** num pouquinho de água" (p. 62, informante 4 do ensino superior, Relato de Procedimento, oral);
29. "uma tela **pintada**" (p. 63, informante 4 do ensino superior, Relato de Procedimento, oral);
30. "pastel é uma espécie de... de lápis de cera **refinado**" (p. 62, informante 4 do ensino superior, Relato de Procedimento, oral);
31. "o meu lugar **preferido** é a Via-Costeira" (p. 50, informante 4 do ensino superior, Descrição de Local, oral);
32. "precisaremos de um lugar com melhores condições de trabalho, tal como uma sala **arejada**" (p. 77, informante 4 do ensino superior, Relato de Procedimento, escrito);
33. "acreditamos que o material **escolhido** vai ser suficiente" (p. 69, informante 4 do ensino superior, Relato de Opinião, oral);
34. "O rádio **ligado** tocava uma canção de Guilherme Arantes" (p. 74, informante 4 do ensino superior, Narrativa de Experiência Pessoal, escrita);
35. "era como se remontasse a um tempo **perdido**" (p.74, informante 4 do ensino superior, Narrativa de Experiência Pessoal, escrita);
36. "o antigo quartel **restaurado** para as instalações do posto da PF" (p. 74, informante 4 do ensino superior, Narrativa de Experiência Pessoal, escrita);
37. "o sabão **comprado** na bodega" (p. 75, informante 4 do ensino superior, Narrativa Recontada, escrita);
38. "sorvetes com suspiros **coloridos**" (p. 75, informante 4 do ensino superior, Narrativa de Experiência Pessoal, escrita);
39. "O meu lugar **preferido** é a Via-Costeira" (p. 76, informante 4 do ensino superior, Descrição de Local, escrita);

40. "o trabalho mais **indicado**" (p. 77, informante 4 do ensino superior, Relato de Procedimento, escrito);
41. "estudo **detalhado** das formas" (p. 77, informante 4 do ensino superior, Relato de Procedimento, escrito);
42. "e os efeitos da luz sobre o objeto **escolhido**" (p. 77, informante 4 do ensino superior, Relato de Procedimento, escrito);
43. "os efeitos mais **ressaltados** neste trabalho" (p. 77, informante 4 do ensino superior, Relato de Procedimento, escrito);
44. "limpeza do material **utilizado**" (p. 78, informante 4 do ensino superior, Relato de Procedimento, escrito);
45. "um compensado devidamente **preparado**" (p. 78, informante 4 do ensino superior, Relato de Procedimento, escrito);
46. "um pano **esticado**" (p. 78, informante 4 do ensino superior, Relato de Procedimento, escrito);
47. "o ônibus **lotado**" (p. 79, informante 1 do ensino médio, Narrativa de Experiência Pessoal, oral);
48. "tinha alguns ônibus **estacionados**" (p. 88, informante 1 do ensino médio, Descrição de Local, oral);
49. "esses negócios... tudo bem **organizado**" (p. 88, informante 1 do ensino médio, Descrição de Local, oral);
50. "uma quadra **organizada** demais" (p. 88, informante 1 do ensino médio, Descrição de Local, oral);
51. "uma cidade com água **tratada**" (p. 89, informante 1 do ensino médio, Relato de Procedimento, oral);
52. "salas **pintadas de branco por dentro**" (p. 94, informante 1 do ensino médio, Descrição de Local, oral);
53. "os flocos assim bem grandes... certo... **formado**" (p. 90, informante 1 do ensino médio, Relato de Procedimento, oral);
54. "congresso de jovens [...] **denominado** conjubaleste" (p. 93, informante 1 do ensino médio, Narrativa de Experiência Pessoal, escrita);
55. "a imagem de Jesus Cristo... **desenhada** na rocha" (p. 98, informante 2 do ensino médio, Descrição de Local, oral);

56. "eu acho que em vez de matar por que não você... fazer com que essa pessoa trabalhe pra família da pessoa **morta**..." (p. 99, informante 2 do ensino médio, Relato de opinião, oral);
57. "chegou o tempo **determinado**" (p. 111, informante 3 do ensino médio, Narrativa Recontada, oral);
58. "uma pessoa **seqüestrada**" (p. 114, informante 3 do ensino médio, Relato de Opinião, oral);
59. "tavam vendendo todas as suas... os seus bens pra... resgatar a menina... e a menina **morta**..." (p. 114, informante 3 do ensino médio, Relato de Opinião, oral);
60. "as mãos **atadas**" (p. 119, informante 3 do ensino médio, Relato de Opinião, oral);
61. "estavam com o telefone **grampeado**" (p. 131, informante 4 do ensino médio, Narrativa Recontada, oral);
62. "dois banheiros **divididos** em dois" (p. 141, informante 4 do ensino médio, Descrição de Local, escrito);
63. "1 colher (sobremesa) da essência **desejada**" (p. 141, informante 4 do ensino médio, Relato de Procedimento, escrito);
64. "o filme se passa... na cidade **chamada** Gotan City" (p. 143, informante 1 da oitava série, Narrativa Recontada, oral);
65. "alguns quadros **pintados**" (p. 145, informante 1 da oitava série, Descrição de Local, oral);
66. "a pessoa que tenha [...] tudo **garantido**" (p. 148, informante 1 da oitava série, Relato de Opinião, oral);
67. "Depois de tudo **organizado**" (p. 148, informante 1 da oitava série, Narrativa de Experiência Pessoal, escrita);
68. "tinham no tornozelo uma fita **amarrada**" (p. 148, informante 1 da oitava série, Narrativa de Experiência Pessoal, escrita);
69. "Chega o momento tão **esperado**" (p. 149, informante 1 da oitava série, Narrativa Recontada, escrita);
70. "uma porta **pintada** de marrom" (p. 150, informante 1 da oitava série, Descrição de Local, escrita);

71. "o réu **acusado** ficará na prisão" (p. 151, informante 1 da oitava série, Relato de Opinião, escrito);
72. "um pedaço de pano **molhado**" (p. 154, informante 2 da oitava série, Descrição de Local, oral);
73. "tem que passar uma bucha **molhada**" (p. 154, informante 2 da oitava série, Descrição de Local, oral);
74. "cinco colheres de ameixa preta **picada**" (p. 156, informante 2 da oitava série, Relato de Procedimento, oral);
- 75/76. "despejar numa assadeira número três... **untada e polvilhada**" (p. 156, informante 2 da oitava série, Relato de Procedimento, oral);
77. "um dos mais **escolhidos** [...] é a parte de medicina" (p. 157, informante 2 da oitava série, Relato de Opinião, oral);
78. "um dos cursos mais **concorridos** no vestibular" (p. 157, informante 2 da oitava série, Relato de Opinião, oral);
79. "tem que se passar algo **molhado** para sair" (p. 158, informante 2 da oitava série, Descrição de Local, escrita);
80. "a porta está com o trinco **quebrado**" (p. 158, informante 2 da oitava série, Descrição de Local, escrita);
- 81/82. "já o pátio não é tão grande existem apenas 3 bancos **feitos** de cimento **pintados** de azul escuro" (p. 158, informante 2 da oitava série, Descrição de Local, escrita);
83. "pequenas caixas de som **espalhadas** pelo corredor" (p. 158, informante 2 da oitava série, Descrição de Local, escrita);
84. "5 colheres de ameixas pretas **picadas**" (p. 159, informante 2 da oitava série, Relato de Procedimento, escrito);
- 85/86. "despejar numa forma n. 3 **untada e polvilhada**" (p. 159, informante 2 da oitava série, Relato de Procedimento, escrito);
87. "um cenário **iluminado**" (p. 175, informante 4 da oitava série, Descrição de Local, oral);
- 88/89. "os fios **quebrados**... **remendados**" (p. 176, informante 4 da oitava série, Descrição de Local, oral);
90. "o balcão **furado**" (p. 177, informante 4 da oitava série, Descrição de Local, oral);

91/92. "Na sala há um sofá **feito** de alvenaria, que serve de cama... há também um balcão **feito** de azulejos brancos;" (p. 177, informante 4 do ensino superior, Descrição de Local, escrita);

93. "um homem **chamado** Steve Mc Nicholson seqüestrava crianças" (p. 184, informante 4 da oitava série, Relato de Opinião, escrito);

94. "tem também dois parques... **divididos**" (p. 186, informante 1 da quarta série, Descrição de Local, oral);

95. "um menino... **chamado** Ne/" (p. 194, informante 3 da quarta série, Narrativa de Experiência Pessoal, oral).

- Chutar cachorro morto;
- De queixo caído;
- Chorar sobre o leite derramado;
- Circuito fechado.